

III SEMANA BÍBLICA NACIONAL 2022

11-18 DE SETEMBRO 2022



EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

"FOME E SEDE DE OUVIR A PALAVRA DE DEUS (AMÓS 8, 11)"

SUBSÍDIO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA



CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE MOÇAMBIQUE



SEBINA

Semana Bíblica Nacional - 2022

"Fome e sede de ouvir a Palavra de Deus (Amós 8, 11)"

Reflexões a partir **do Evangelho Segundo Lucas**

Subsídio de animação Bíblica

Ano de publicação 2022

Preparado pela Comissão Episcopal da Pastoral Bíblica

Departamento para a Missão e Diálogo

Conferência Episcopal de Moçambique

Av. PauloSamuel Kankhomba 188 R/C

Caixa Postal 286- Maputo (Moçambique)

Tel: 21490766

Maquetização

Evidêncio Dergilho Eduardo Jossai

Designer Gráfico e Imagem- Paróquia S. Francisco Xavier-Benfica- Maputo

Cel: 258 87/84 916 9884

Email: dergilho@gmail.com

Logótipo da Semana Bíblica

Victor manuel Macovela

Designer Grafico, Ilustrador e Artista plástico

Paróquia S. João Bosco de Bagamoyo- Maputo

APRESENTAÇÃO

Caríssimos irmãos:

A Comissão Episcopal de Pastoral Bíblica da Conferência Episcopal de Moçambique organiza a III Semana Bíblica Nacional (11-18 de Setembro de 2022), para todas as Arquidioceses, Dioceses, Paróquias, Comunidades religiosas, com o lema: *FOME E SEDE DE OUVIR A PALAVRA DO SENHOR*. A Semana Bíblica deste ano pretende incentivar a familiaridade com o evangelho segundo Lucas e contribuir para que todo o batizado assuma a consciência de que deve ser discípulo e missionário de Jesus Cristo. Outrossim, no contexto da preparação da IV Assembleia Nacional de Pastoral, a ter lugar em Nampula no próximo, o tema da Semana Bíblica deste ano chama-nos a concentrar a nossa atenção na fome da Palavra de Deus que se sente na nossa Igreja.

A SEBINA 2022 está organizada da seguinte maneira:

Domingo, 11 de Setembro – Abertura da SEBINA na missa/em Família/Comunidade religiosa/outros GRUPOS

Segunda-feira, 12 de Setembro: Tema: Visão geral do evangelho segundo Lucas (Pe. Osório Citora)

Terça-feira, 13 de Setembro - Tema: As parábolas no evangelho de Lucas (Padre José Joaquim)

Quarta-feira, 14 de Setembro - Tema: A urgência da missão (Padre Daniel Raúl)

Quinta-feira, 15 de Setembro - Tema: A oração no evangelho segundo Lucas (Padre Salvador Bila)

Sexta-feira, 16 de Setembro – Tema: A mulher no evangelho de Lucas (Irmã Margareth Khaula)

Sábado, 17 de Setembro - Tema: Jesus no evangelho segundo Lucas (Padre Marcos Mubango)

Domingo, 18 de Setembro: Encerramento da SEBINA na Missa/em família/comunidades religiosas/outros grupos.

Os temas e o roteiro propostos para cada encontro poderão ser livremente adaptados de acordo com o contexto de cada indivíduo ou grupo.

Este material foi elaborado especialmente para vós. Aqui ides encontrar conteúdos que vos ajudarão a assimilar e viver a mensagem do evangelho de Lucas. De referir, porém, que os textos foram pensados não apenas para momentos de oração, mas também como uma oportunidade de estudo e aprofundamento de temas bíblicos, pelo que é expetável que isso requeira um pouco de esforço mental.

A todos auguramos uma abençoada e profícua Semana Bíblica Nacional 2022. Que possamos estudar, perscrutar, saborear e rezar com o evangelho de Lucas em família, comunidades religiosas, grupos paroquiais e individualmente, e isso nos ajude a tomar a decisão de anunciar e testemunhar o evangelho, hoje.

Pe. José Joaquim L. Pedro, missionário comboniano

Departamento para a Missão e Diálogo – CEM

ABERTURA DA SEMANA BÍBLICA (Domingo, 11 de Setembro de 2022)

Recomenda-se que todos os cristãos levem a Bíblia à missa

ABERTURA DURANTE A CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

1. A introdução geral à Missa (onde houver) faça alusão à abertura da SEBINA
2. Procissão de entrada com a Bíblia: O sacerdote, os acólitos, e o animador (paroquial, zonal, da comunidade ou o ancião) entram em procissão solene na Igreja ou outro lugar onde se celebra a Eucaristia. O animador (ou ancião) leva a Bíblia e os acólitos o acompanham levando duas velas acesas. Chegados diante do altar, fazem a vênia e o animador ou ancião coloca a Bíblia no lugar devidamente preparado diante do altar. Depois, o sacerdote, os acólitos e toda a comunidade cristã ajoelham-se para venerar a Palavra de Deus durante uns breves instantes, em silêncio. Depois, o sacerdote e os acólitos dirigem-se ao altar.
3. Se as condições o permitirem, durante a incensação do altar o sacerdote incensa também a Bíblia.
4. A homilia faça referência à SEBINA e à necessidade de anunciar e testemunhar a Palavra de Deus, hoje.
5. Às Orações dos fiéis acrescente-se 1 intenção pela SEBINA.
6. Antes da Bênção final, todos de pé, levantam as suas bíblias, e o sacerdote, com os braços levantados, recita a Oração da SEBINA, e a Missa termina, como de costume, com a bênção final.

ABERTURA EM FAMÍLIA/COMUNIDADE RELIGIOSA/OUTROS GRUPOS

1. Preparar um pequeno altar dentro de casa, no lugar onde vai acontecer a oração de abertura da SEBINA.
2. O momento de oração começa em frente à porta de entrada, com o sinal da cruz e um canto missionário. Depois, uma pessoa leva a Bíblia acompanhada de uma vela e todos permanecem de pé em frente à porta fechada durante breves instantes, em silêncio.
3. Depois, o mais velho da família abre a porta em gesto de acolhimento da Palavra de Deus em sua casa, e a Bíblia entra em casa e é colocada sobre o altar previamente preparado.
4. Depois, entoa-se um canto de perdão, e lê-se a texto de Lc 10,38-42.
5. Depois da leitura segue-se o momento de partilha.
6. Canto
7. Preces espontâneas
8. Todos levantam as suas Bíblias e rezam juntos a Oração da SEBINA
9. Oração da IV Assembleia Nacional de Pastoral
10. Bênção: *O Senhor te abençoe e te guarde! O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e te favoreça! O Senhor volte para ti a sua face e te dê a paz!* (Nm 6,24-26). Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo. *Ámen.*

ROTEIRO PARA TODOS OS DIAS

(Preparar sempre o altar com a Bíblia, cruz, vela, terço, etc.)

1. Canto ao Espírito Santo
2. Sinal da cruz
3. Palavras de acolhimento pelo animador do encontro
4. Exposição do tema do dia
5. Canto meditativo
6. Perguntas de aprofundamento (atenção: para o II Tema: realizar o exercício recomendado)
7. Orações espontâneas
8. Oração da SEBINA

9. Oração da IV Assembleia Nacional de Pastoral
10. Pai-Nosso
11. Bênção
12. Canto final

Segunda-feira, 12 de Setembro de 2022

VISÃO GERAL DO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

Padre Osório Citora, missionário da Consolata

O Evangelho segundo Lucas faz parte da chamada Obra Lucana. Esta obra, tão valiosa no Novo Testamento, consiste no Evangelho de Lucas e no livro dos Atos dos Apóstolos. Ambos têm São Lucas como autor e Teófilo como destinatário.

Quem é o evangelista Lucas?

A tradição antiga - que remonta ao século II d.C. - identifica o autor do Evangelho e dos Atos com o Lucas que aparece em 2 Tim 4,11, em Fm 24 (Carta a Filémon) como um dos “*colaboradores*” de Paulo, e em Col 4,14 onde é referido como o “*querido médico*”. A partir de numerosas pistas, é evidente que o autor não é palestino: provavelmente nasceu em Antioquia da Síria e mais tarde mudou-se para a região de Éfeso e Filipos, duas cidades importantes na Ásia Menor. Lucas vive neste contexto do mundo greco-romano, dominado pela mentalidade da cultura grega, onde a vida religiosa é organizada de acordo com o culto das várias divindades e onde há uma fusão de divindades gregas e romanas. Enquanto estas religiões construíam templos e davam grande importância aos templos, o Jesus que Lucas conheceu destacava-se pelas suas ações: preocupava-se com o sofrimento e os corpos feridos dos doentes, dos marginalizados e dos excluídos, e esta nova forma de agir despertava desejos e sonhos de mudança nas pessoas oprimidas.

Lucas vem de uma família rica e isto permite-lhe fazer muitas viagens e dedicar-se ao estudo e à investigação. Movido pelo desejo de responder aos desejos mais profundos da vida, ele dedica muito tempo ao estudo das Sagradas Escrituras e é atraído pela beleza e grandeza de Deus-YHWH, revelada nas Sagradas Escrituras. Não sendo judeu, e não vivendo na Palestina, Lucas não teve a sorte de conhecer Jesus pessoalmente, nem os primeiros apóstolos. No entanto, começou a frequentar a sinagoga como *prosélito*, como eram chamados os adoradores de Deus-YHWH que não eram judeus de nascimento. A sua conversão significa para ele uma conversão radical para o mundo dos excluídos, porque Jesus e os excluídos são inseparáveis.

Sendo um cristão de segunda/terceira geração, tem a oportunidade de conhecer alguns discípulos dos primeiros apóstolos e ouve falar muito de Paulo, o incansável missionário do Evangelho de Jesus Cristo e fundador de várias comunidades. É numa atmosfera de experiência de fé partilhada e de tradições sobre Jesus de Nazaré que Lucas se sente movido pela comunidade a escrever algo sobre Jesus, de uma forma mais articulada e organizada. Lucas começou a reunir textos escritos, tradições orais, informações recolhidas

aqui e ali, favorecendo a informação daqueles que tinham sido testemunhas oculares de Jesus e dos missionários do Evangelho, dignos de tal confiança.

Porquê e para quem escreve Lucas?

Lucas escreve para verificar e confirmar a consistência e a solidez da fé dos seus destinatários (1, 1-4). Ele diz precisamente no seu Prólogo que “*eu resolvi, escrevê-las para ti, ilustre Teófilo, para que tenhas conhecimento seguro do que te foi ensinado*”. O discípulo missionário deve ter conhecimento seguro e sólido sobre a sua fé,

Para quem?

Do mesmo Prólogo, 1, 1-4, sabemos que *ilustre Teófilo* é o destinatário do seu Evangelho. Não sabemos quem é este Teófilo, e encontramos-lo também na dedicatória do outro livro de Lucas, os Atos dos Apóstolos. Sabemos, contudo, que Teófilo não era um homem poderoso, caso contrário teríamos ouvido falar dele. Os escritores da antiguidade dedicavam os seus escritos aos poderosos para conseguirem o seu favor ou pelo menos para dar algum destaque à sua obra. Lucas não é assim; Lucas dedica o seu Evangelho a um discípulo seu, não a uma pessoa poderosa.

Na língua grega, *Theophilus* vem de *Theos*=Deus, *Phileo*=amor: assim “Teófilo” pode significar “amigo de Deus, amante de Deus ou querido por Deus, amado por Deus”, ou seja, a obra é dirigida àqueles que se sentem amados por Deus e, como tal, são também amantes de Deus. Os “teófilos” somos todos nós que fomos amados por Deus de uma forma extraordinária: pois recebemos o dom incomparável de Cristo que nasceu e viveu entre nós, e morreu por nós. É a criatura humana, o homem, a mulher, que são os “Teófilos”, os amados por Deus, porque são o centro do universo. Finalmente, os teófilos são os discípulos: é por isso que o Evangelho de Lucas é também conhecido como o Evangelho do discípulo. O discípulo é antes de mais nada um homem amado por Deus porque foi criado e chamado por Ele. Podemos dizer que Lucas está a escrever para cristãos do paganismo que tinham dúvidas sobre Jesus. Queriam compreender, para esclarecer dúvidas sobre a vida de Jesus de Nazaré. Teófilo é um ícone desta categoria de pessoas. Lucas, enquanto escreve, tem em mente pessoas e comunidades localizadas em grandes cidades, onde havia fortes contrastes sociais, com uma minoria dos privilegiados e uma maioria dos excluídos e marginalizados. Escreve para pessoas de diferentes origens culturais com muitas barreiras e preconceitos mútuos, o que dificultava a vida em conjunto.

Quando e onde escreve ele?

Lucas usa como uma das suas fontes o Evangelho de Marcos, que foi escrito pouco antes da guerra judaica de 66-70. Lc 21,5-38 assume que a destruição de Jerusalém já tinha ocorrido; por conseguinte, é de supor uma data após o ano 70. A partir destas considerações pode-se concluir pela composição de Lc-At entre 80-85. Outros estudiosos sugerem 80-90. O local exato onde foi escrito não pode ser definido, mas deve

certamente ter sido alguma cidade do Império Romano, e provavelmente Antioquia de Sira, Éfeso, ou Filipos, que são os locais que ele bem conhecia.

Estrutura do texto:

O Evangelho segundo Lucas está dividido em vinte e quatro capítulos. Começa com os nascimentos de João Baptista e de Jesus, ambos descritos como prodigiosos, depois centra-se na vida de Cristo, na sua pregação, até à morte e ressurreição.

Podemos vislumbrar um padrão na estrutura do texto que divide todo o evangelho em cinco grandes blocos:

1. O prólogo (Lc 1,1-4) onde Lucas explica porquê e para quem escreveu o Evangelho, mostrando assim a importância da proclamação apostólica para o aprofundamento da nossa fé.
2. Desde o templo em Jerusalém até ao início da vida pública (Lc 1,5-4,13) onde Lucas mostra em paralelo o anúncio à Virgem Maria e a Isabel, os nascimentos de João Baptista e de Jesus, e a sua infância.
3. A parte da Galileia (Lc 4,14-9,50) que é uma catequese de escuta, com os ensinamentos de Jesus para preparar a viagem para Jerusalém.
4. A parte da viagem para Jerusalém (Lc 9,51-19,28) que é uma catequese durante a grande viagem.
5. A conclusão: Paixão, morte, ressurreição e ascensão de Jesus, e subida dos discípulos em direção ao templo de Jerusalém (Lc 19,29-24,53).

Tal como se deduz desta estrutura, Lucas reserva um destaque ainda maior do que Marcos para a viagem de Jesus para Jerusalém e para a sua ação na cidade de Jerusalém. Em relação à centralidade de Jerusalém, basta recordar que a primeira cena do Evangelho se passa em Jerusalém, no templo, onde o sacerdote Zacarias realiza um ato de adoração (Lc 1,8-9), e a última cena apresenta os apóstolos que regressam a Jerusalém para rezar no templo depois de terem experimentado a novidade da ressurreição de Jesus (Lc 24,52-53). A viagem de Jesus para Jerusalém ocupa quase onze capítulos deste Evangelho (Lc 9,51-19,28). A vida de Jesus é assim apresentada como a sua viagem através da história, um êxodo contínuo de Nazaré para Jerusalém, o lugar da sua morte e ressurreição; um êxodo deste mundo para a plenitude messiânica. Nesta viagem em direção a Jerusalém, Jesus abre o caminho para a existência do discípulo, orienta-o, enche-o de conteúdo. A vida do discípulo torna-se assim um seguimento de Jesus. Os discípulos, associados a esta viagem 'catequética' de Jesus, tornam-se as testemunhas autênticas de tudo o que ele disse e fez. Também nos Atos dos Apóstolos encontramos a Igreja numa viagem contínua: ela deixa o mundo judeu para se tornar a Igreja de todas as nações, sem perder a sua inserção em Israel.

Temas importantes para Lucas

a) Misericórdia

Jesus é cheio de ternura para com: pecadores, samaritanos, pagãos, os pobres, os necessitados, os doentes. No chamado Sermão da Planície, Lucas relatou esta bela expressão de Jesus: “*Sede misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso*” (6,36). Daqui deduzimos acima de tudo uma imagem particular de Deus: por natureza Deus é misericordioso; a misericórdia é o atributo divino por excelência. E aquele que é misericordioso comporta-se como Deus, torna-se mesmo como Deus. Mas se quisermos compreender porque é que o Evangelho de Lucas é chamado o “*Evangelho da misericórdia*”, basta abrir o capítulo 15. Aí encontramos três parábolas: a da ovelha perdida que termina com o aviso de Cristo: “*Haverá mais alegria no céu por um só pecador que se converte do que por noventa e nove justos que não precisam de conversão*”; e depois a da moeda perdida (e encontrada) por uma mulher; e sobretudo

a do “filho pródigo” ou, segundo outra definição, do “pai misericordioso”. É sobretudo Lucas que nas suas páginas nos mostra o rosto de um Deus que sai ao encontro do homem, que o acolhe, que o perdoa. E afinal, o que é o perdão, senão a porta que nos dá acesso à salvação. A misericórdia encontra realização visível no amor daquele que anda numa busca atenciosa da ovelha perdida, no empenho que a mulher põe em procurar a dracma perdida, no abraço comovente com que o pai acolhe em casa o seu filho que se tinha afastado (cap. 15). Jesus veio “*para procurar e salvar o que estava perdido*” (19,10) e o discípulo deve ser “*misericordioso como Deus é misericordioso*” (6,36).

b) Oração

No início do seu Evangelho, Lucas leva os seus leitores ao templo em Jerusalém, um lugar de oração. Tal como Israel se reúne no templo para a oração, também o novo povo de Deus se reúne. Jesus também é colocado dentro desta tradição: ele visita a sinagoga e participa nas festas religiosas de Israel. A oração acompanha-o na sua atividade: Lc 3,21 (durante o seu batismo); 5,16 (ele retirou-se para rezar); 6,12 (antes de escolher os Doze); 11,1 (rezava num certo lugar); 23,34 (rezou pelos seus algozes); 23,46 (morreu a rezar); 24,30 (rezou com os dois Discípulos). Jesus ensina a rezar: 11,2-13 (o Pai Nosso) e 18,1-14 (a necessidade da oração). Da oração retira-se a força para viver. A oração é o centro da vida de Jesus e dos seus discípulos, assim como da comunidade cristã.

c) Agindo pelo poder do Espírito

Na apresentação que Lucas faz da pessoa e obra de Jesus, há a convicção de que o Espírito e o poder de Deus agem Nele: 1,35 (concebido por obra do Espírito Santo); 3,22 (no batismo recebe o Espírito); 4,1 (pelo poder do Espírito vai para deserto e prega na Galileia); 4,18-19 (age e move-se *com* e *no* Espírito).

d) O Reino de Deus na obra de Jesus

Nas narrativas do evangelho de Lucas, Jesus toma o lado dos pobres, dos oprimidos e dos socialmente fracos. Nesta atividade, o Reino ou senhorio de Deus torna-se operativo. Portanto, quando encontram Jesus, as pessoas experimentam o que o Reino de Deus significa e como ele muda as suas vidas. Assim, toda a obra de Jesus torna-se a proclamação do Reino de Deus. Com este termo Lucas refere-se por vezes à realidade divina que atua na terra, que é o sentido habitual em Mateus (Mt 13, com paralelos em Lc 8,11-15; 13,18-21).

e) A pobreza material

A pobreza é uma questão central e fundamental no evangelho de Lc. Encontramos as expressões programáticas em: 6,20-21 (as bem-aventuranças); 7,22 (resposta aos mensageiros do Batista). Outros aspetos encontram-se em: 2,1-14; 4,18-19 (destinatários privilegiados da mensagem de salvação); 12,13-21 (o rico insensato); 16,19-31 (o homem rico ganancioso e Lázaro). Para Lc, os pobres e necessitados são os beneficiários do Reino de Deus; não porque o mereçam, mas por causa da vontade e misericórdia de Deus, que quer mostrar-se como sendo o verdadeiro rei, segundo as conceções do antigo Próximo Oriente, onde o monarca ideal era aquele que protegia os pobres, os órfãos e as viúvas. O homem verdadeiramente bom e rico decide partilhar a sua riqueza. Este é o caso de Zaqueu (19,1-10).

f) A pobreza espiritual

Lc também conhece outra forma de pobreza, aquela que surge das características e processos culturais da época. Alguns destes pobres são publicanos e pecadores, assim como mulheres e crianças. A sua pobreza pode não ser material. De Zaqueu, diz-se que tinha uma fortuna considerável (19,8). Jesus foi apoiado por mulheres financeiramente abastadas (8,3). A sua pobreza consistia antes no facto de, do ponto de vista sócio-religioso, não terem um lugar próprio, ou de o terem muito baixo, na hierarquia da sociedade antiga. Jesus aproxima-se e come e bebe com eles (5,27-32; 19,1-10).

g) **Ser discípulos de Jesus**

Seguir Jesus não significa apenas deixar tudo para trás, mas inclui caminhar ao lado d'Ele. Este "caminhar" de Jesus termina em Jerusalém e intimamente ligado a este é o convite a segui-lo (9,23). Lucas em Atos indicará como a comunidade cristã viveu esta caminhada de seguimento em solidariedade com os pobres e excluídos.

h) **Mulheres**

As mulheres em Lucas ocupam um lugar de destaque. Maria, Isabel, a profetisa Ana, dão uma mensagem muito importante: elas são muito mais do que ornamentos que o homem pode olhar, usar e abusar. Há mulheres que seguem Jesus, seguindo o exemplo dos apóstolos (8,1-3; 23,49), entre elas: Maria de Mágdala, uma mulher "suspeita", já vítima das forças do mal; Joana, a esposa de um cidadão importante; Susana e outras que, porque tinham uma certa liberdade e autonomia económica, eram provavelmente viúvas.

i) **Alegria**

As expressões 'alegria', 'júbilo', 'alegrar-se', 'felicidade', 'paz' são mais frequentes no terceiro evangelho do que em Mt e Mc. Jesus e os discípulos são homens da alegria e da paz. A alegria está presente em: 1,14.44.58 (nascimento de João Baptista); 1,28 (anunciação); 1,41.44 (visitação); 2,10 (anúncio aos pastores); 10,21 (alegria de Jesus); 19,6 (alegria de Zaqueu); 24,41 (em Emaús); 24,52 (depois da ascensão).

j) **A morte de Jesus, fim e início**

A obra terrena de Jesus termina com a sua morte na cruz. A sua paixão e morte correspondem ao plano divino da salvação, tal como é formulado nas Escrituras: "*será que o Messias não devia sofrer tudo isto para entrar na sua glória?*" (24,26). Na medida em que os apóstolos, habilitados a fazê-lo pelo poder do Espírito, espalharam e pregaram a mensagem do Evangelho, Jerusalém tornou-se o ponto de partida da salvação para todos os homens.

Perguntas de aprofundamento

1. Quem foi o evangelista Lucas?
2. Quem são os destinatários do seu evangelho?
3. Dos temas importantes de Lucas, quais te tocam de maneira particular?

Terça-feira, 13 de Setembro de 2022

AS PARÁBOLAS NO EVAGELHO SEGUNDO LUCAS

Pe. José Joaquim, missionário comboniano

I. O que são as parábolas bíblicas?

No tempo de Jesus e das primeiras comunidades cristãs, era muito comum ensinar em parábolas. Dois termos designam parábola no texto grego do Novo Testamento, a saber, *parabolē* e *paroimia*. No texto hebraico do Antigo Testamento, o termo usado para parábola é *mashal*. As parábolas bíblicas são histórias relativamente curtas, incluindo provérbios, ditados, enigmas, metáforas, extraídos da natureza ou da vida comum, visando transmitir aos ouvintes uma mensagem divina. Elas são narrativas abertas a diferentes releituras, isto é, cada pessoa, de acordo com a sua realidade, ouve a parábola e a aplica para a sua vida, pois elas sempre trazem uma lição de vida para a humanidade. Contudo, importa notar que o significado da maioria das parábolas não é sempre claro. A maioria das parábolas contém algum elemento estranho ou incomum que deve fazer-nos parar para pensar, refletir e interpretar a parábola com calma e com ajuda do Espírito Santo.

II. Existiam parábolas no Antigo Testamento?

Sim, existiam parábolas também no Antigo Testamento e tinham como objetivo transmitir a mensagem de Deus Yahwé para o povo de Israel. Vejamos apenas alguns exemplos:

A parábola dos leões e leões em Gn 49, 9 e Nm 23,24; A parábola das árvores à procura de um rei em Juizes 9,7b-15; a parábola do cordeiro pobre em 2 Sm 12,1-7a; a parábola dos dois irmãos em litígio em 2 Sm 14,1-11; a parábola do cardo e cedro em 2 Reis 14,9; a parábola da vinha produzindo uvas bravas em Is 5,1-7; a parábola das águias e videiras em Ez 17,3-10; a parábola da leoa e seus filhotes em Ez 19,2-9; a parábola da videira e os ramos em Ez 19,10-14; a parábola da panela a ferver em Ez 24,3-5, 6-14.

III. Quais são os ensinamentos divinos que as parábolas no evangelho de Lucas nos trazem?¹

a. Primeiro ensinamento divino: Vigiar sempre

- *Os amigos do noivo (12,35-38) **
- *O ladrão na noite (12,39-40)*
- *O mordomo fiel (12,42-48)*

Nestas 3 parábolas sublinha-se a importância de vigiar. Jesus vai aos céus, mas promete voltar para levar os seus. Assim, os discípulos de Jesus e a igreja que viria a nascer deveriam se manter fiéis, atuantes e vigilantes em oração, vigiando.

- *A porta estreita (13,24-30)*

Jesus nos dá duas lições nesta parábola:

- 1) servir a Deus exige renúncia;
- 2) O simples fato de ser membro da Igreja, mas sem trabalhar para fazer algo significativo no Reino de Deus, não garante a vida eterna.

¹ As parábolas com [*] aparecem apenas no evangelho segundo Lucas.

- *A figueira em flor (21,25-33)*

Jesus fala sobre sua segunda vinda e os eventos que a precederão. O cristão deve ficar atento a estes eventos, pois para os amigos do Senhor eles deveriam ser tão claros como a figueira em flor, que indicava o início do verão.

b. Segundo ensinamento divino: Não viver na hipocrisia

- *O guia cego (6,39-42)*

Através desta parábola Jesus critica os escribas, fariseus e doutores da lei. Eles orientavam espiritualmente o povo, pregavam a palavra, mas suas atitudes visavam ganhos próprios. O seu pecado era muito maior que o do povo, pois mesmo sendo detentores de muito conhecimento sobre a Palavra de Deus, eram hipócritas.

- *Os meninos nas praças (7,31-35)*

Na parábola, os meninos na praça estão, ao mesmo tempo, tocando músicas alegres e cantando lamentações, logo não há harmonia na sua vida. O discípulo de Cristo deve procurar que haja harmonia entre o que pensa, diz e faz.

c. Terceiro ensinamento divino: Dar testemunho de vida

- *A árvore e seus frutos (6:43-45)*
- *A candeia (8:16-17)*

As duas parábolas tratam do mesmo assunto. A parábola da árvore ensina que o coração do homem tem uma inclinação natural para o mal (Jr. 17,9). Há que combater essa inclinação para poder dar testemunho de santidade de vida. A segunda parábola ensina que assim como iluminar é a essência da candeia, dar testemunho é a essência do cristão. A fé do cristão deve ter obras.

- *O sal insípido (14,34-35)*

O sal é um conservante natural e era um produto de primeira necessidade no tempo de Jesus, altamente taxado. Por muitas vezes o produto era adulterado e acabava por perder sua capacidade preservadora. Jesus diz aos seus discípulos que eles tinham a responsabilidade de conservar, de evitar a deterioração do mundo através da pregação da palavra e do testemunho de vida.

d. Quarto ensinamento divino: Ser missionário

- *O Semeador (8,5-15)*

Uma das mais conhecidas parábolas, evoca tanto o chamado missionário quanto o valor da palavra. O pregador da palavra nunca deve desanimar, mesmo que muitas “sementes” se percam (Is. 55,11).

- *A grande ceia (14, 15-24) **

Os judeus são os convidados, com legítimo direito a participarem da ceia, mas preferem dar desculpas, apegados ao que é mundano. A ceia, que é a vida cristã, é de graça. O cristão deve estar sempre bem vestido da graça divina vivendo na santidade e na caridade.

- *O edificador da torre (14,27-30) **
- *O rei em guerra (14,31-33) **

Ser missionário tem um custo: uma vida de abnegação, isto é, deixar a própria vontade para abraçar o que é importante para Deus. A inconstância na vivência do evangelho implica tanto em humilhação e frustração nesta vida bem como em perda da vida futura.

e. Quinto ensinamento divino: Amar o próximo

- *O bom samaritano (10,25-37) **

A parábola do Bom Samaritano atingia em cheio o orgulho dos fariseus, pois desprezavam os samaritanos. Através dessa parábola, Jesus fez com que a simples menção da palavra “samaritano” se tornasse sinônimo da pessoa que age com misericórdia. O verdadeiro cristão alegra-se não porque consegue cumprir com muitas leis religiosas, mas sim porque tem agido com misericórdia, perdão e amor ao próximo.

Sexto ensinamento divino: Orar sempre

- *O amigo inoportuno (11,5-8) **
- *O Juiz ínquo (18,1-8) **
- *O pai que atende ao filho (11,9-13)*
- *O fariseu e o publicano (18,9-14) **

Em todas as quatro parábolas, a conotação é sobre a persistência na oração. É verdade que Deus não é um juiz ínquo, muito menos um vizinho sem consideração. O que vale é a comparação: não devemos desistir da oração, pois o Senhor está pronto a nos escutar e atender. Se tanto um juiz desonesto quanto um vizinho no seu sono são capazes de atender a quem insiste com eles, tanto mais Deus, que é amor.

f. Sétimo ensinamento divino: Arrepende-se para receber o perdão de Deus

- *Os dois devedores (7,36-50) **

Esta parábola foi encaixada na situação que Jesus passa durante o jantar na casa de um fariseu chamado Simão. Jesus tem seus pés ungidos pela mulher pecadora, o fariseu faz seu julgamento, mas Jesus, ressalta que a demonstração exacerbada de amor por parte da mulher era oriunda de seus muitos pecados; a consciência do perdão a tornava uma pessoa muito grata, pois sua dívida era maior.

- *A ovelha perdida (15,4-7)*

Na época de Jesus, um rebanho de 100 ovelhas era um patrimônio considerável, de forma que não compensava por em risco a maior parte do rebanho em razão de apenas uma ovelha. Mas os pastores mais atenciosos colocavam nomes em suas ovelhas e as conheciam individualmente. Era uma ligação afetiva e não apenas objetivando lucro. Jesus usa a comparação para demonstrar que Deus se importa muito mais que isso com o pecador, com o filho desgarrado.

- *A dracma perdida (15,8-10) **

A Dracma era uma moeda grega equivalente ao Denário. Correspondia a um dia de trabalho. Até bem pouco tempo, a Dracma ainda era uma moeda em circulação na Grécia, sendo a mais velha moeda do mundo. Surgiu no século 7º antes de Cristo na Ásia Menor. Durante muito tempo desapareceu de circulação, voltando em fevereiro de 1833, com a independência do país grego, voltando a ser a moeda nacional grega e só foi tirada de circulação em 2002, com a adesão da Grécia à Zona do Euro. Na época de Jesus, a Dracma era uma moeda equivalente ao Denário romano, cujo valor pagava um dia de trabalho. Além do prejuízo financeiro, mulheres recebiam um adorno com 10 Dracmas ao se casarem e a perda de qualquer das moedas era um sinal de grande vergonha, pois o adorno representava a fidelidade. Seja pelo valor financeiro ou cultural, se trata de uma parábola sobre a busca do essencial na nossa vida, que é a fé em Cristo Salvador.

- *O filho pródigo (15,11-32) **

Outra das mais conhecidas e emblemáticas parábolas de Jesus, aparece apenas neste evangelho. É a mais perfeita ilustração da trajetória do crente rebelde, que se afasta de Deus, é lançado na lama por suas escolhas e pelo diabo, mas se volta arrependido para o pai, é recebido de braços abertos. O filho mais velho, que

reclama da atitude do pai para com o filho desgarrado, representa os fariseus, que eram atentos à obediência da lei, mas tinham completa vanglória disso, esquecendo-se de que careciam da graça do Pai.

g. Oitavo ensinamento divino: colocar-se ao serviço do povo de Deus

- *Servos inúteis (17,7-10)*

O termo “servo” desta passagem quer dizer “escravo”. Escravo não era uma pessoa, era “algo”, tinha tanto valor quanto qualquer utensílio, objeto ou qualquer coisa que pudesse ser vendida, comprada, doada ou jogada fora. A parábola traz uma mensagem dura: Jesus espera de seus seguidores muito mais do que o simples ostentar o nome de cristãos. Ele espera ardor na evangelização e firmeza nos valores evangélicos: o perdão, o amor, a reconciliação, a humildade e a santidade.

- *As 10 minas (19,12-27) **

A mina era uma unidade de peso também usada no meio monetário. Correspondia a 100 dracmas (ou denários) logo, a praticamente 4 meses de trabalho. O senhor deu a mesma missão aos seus servos, com os mesmos recursos. Deus nos concede sustento, bens e dons espirituais para serem usados no seu serviço.

- *O rico insensato (12,16-21) **

Este personagem sem nome é uma representação do crente egoísta. Ele é chamado de “louco” porque: 1) Tudo o que tinha pertencia primeiramente a Deus e lhe era apenas emprestado; 2) Tentou guardar a bênção de Deus só para si; 3) Pensou só na vida terrena e não na vida eterna.

h. Nono ensinamento divino: Não apegar-se aos bens deste mundo

- *As aves e os lírios (12,22-31)*

Os judeus eram um povo materialista e preocupado com seus afazeres e com suas atividades lucrativas, o que os levavam a se dedicar somente à vida terrena, deixando a esperança da glória vindoura. A comparação com as aves é sobre o alimento, a necessidade física, pois os pássaros, embora saiam à busca do alimento, sabem que vão encontrá-lo. A comparação com o lírio é mais relacionada com o estado de segurança, pois o lírio se torna uma bela flor, muito “bem-vestida”, mesmo que aparentemente ninguém cuide dele.

- *O rico e Lázaro (16,19-31) **

Esta parábola é possivelmente um fato, algo que aconteceu realmente. Ela não é uma crítica à riqueza, mas sim às atitudes do rico, que só se preocupava em aproveitar a vida, mesmo tendo a miséria à sua porta. Ao mesmo tempo, o miserável Lázaro creu em Deus, não obstante a sua situação degradante.

- *O perigo das riquezas (18,24-27)*

Um rico só pode entrar no reino de Deus pela graça, se conseguir desapegar-se das coisas materiais e buscar as coisas do alto. De igual maneira, o pobre deverá colocar a sua confiança em Deus e não nos que são ricos, para poder entrar na vida eterna.

i. Décimo ensinamento divino: Entender e construir o Reino de Deus

- *A figueira estéril (13,6-9) **

Esta parábola se refere à nação judaica. O período de 3 anos certamente se referia ao ministério de Jesus, enquanto as tentativas de tornar a figueira frutífera são a mensagem do Mestre. Os Judeus tiveram a sua oportunidade, mas a dureza dos corações levou ao “corte” da figueira, a destruição de Jerusalém no ano 70 D.C. pelos romanos.

- *O grão de mostarda (13,18-19)*
- *O fermento (13,20-21)*

A mostarda tem uma semente pouco maior que um torrão de areia. Se plantada, porém, se torna uma árvore alta e vistosa, além de chamativa pela coloração de suas flores amarelas. O fermento também não pode ser escondido na massa, pois a levedura faz com que a mistura cresça. Jesus queria dizer que o Reino de Deus sob ação do Espírito Santo não poderia ser contido, reprimido ou escondido.

- *Os melhores lugares (14,8-11)*

Os fariseus e religiosos da época de Jesus viviam uma devoção aparente, buscando glória própria. Mais que boas maneiras, Jesus ensina que a humildade é o caminho para ser reconhecido não pelos homens, mas diante de Deus. O Reino não era para os proeminentes, mas para os humildes.

- *Os lavradores maus (20,9-19)*

Jesus alude claramente ao seu ministério entre os judeus. Os profetas que se levantaram para trazer o povo ao arrependimento foram perseguidos, marginalizados ou assassinados. Os maiores culpados eram justamente os sacerdotes que, com seu falso zelo, buscando inclusive a morte de Jesus, queriam se tornar os donos do povo judeu.

j. **Décimo primeiro ensinamento divino: Ser prudente na vida**

- *O administrador infiel (16,1-13) **

Na maioria das parábolas, o personagem apresenta um exemplo a ser seguido por sua conduta ou uma lição tirada do erro alheio. O administrador é corrupto, mas acaba ganhando a admiração de seu patrão por ter sido inteligente ao lidar com uma situação aparentemente sem saída. Jesus traz às claras a constatação de uma triste realidade: em sua astúcia, os filhos das trevas são mais hábeis que os filhos da luz ao lidar com situações cotidianas. Mas Jesus recomenda que seus discípulos estejam atentos para este tipo de situação, pois mesmo as riquezas de origem iníqua deveriam ser transformadas em instrumento de salvação.

IV. PARA ENTENDER E VIVER AS PARÁBOLAS

Para um melhor entendimento dos evangelhos é de fundamental importância uma boa interpretação das parábolas. Devido à distância cultural, temporal e histórica entre o contexto em que foram escritas as parábolas e o nosso contexto, muito do ensinamento divino das parábolas corre o risco de se perder para o leitor contemporâneo. Para responder a esse desafio, os seguintes passos podem ser úteis:

1. **Contacto inicial com a parábola:** Ler a parábola pelo menos 2 vezes, lentamente, prestando atenção a todos os pormenores.
2. **Reconto à luz do contexto original:** recontar a parábola realçando os elementos culturais, ecológicos, proverbiais daquele tempo;
3. **Reconto à luz do contexto actual:** recontar a parábola usando um vocabulário, comparações, provérbios e expressões da cultura de hoje;
4. **Extração da lição:** extrair a lição da parábola para hoje;
5. **Aplicação na vida prática:** identificar as modalidades para pôr em prática a lição da parábola em família, na comunidade cristã e outros grupos.

Exercício

Em grupo, tomar Lc 14,15-24 e aplicar os 5 passos acima propostos;
Realizar o mesmo exercício para as outras parábolas em próximos encontros.

Quarta-feira, 14 de Setembro de 2022

Tema: A URGÊNCIA DA MISSÃO NO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

Padre Daniel A. Raul (Sacerdote Diocesano do Guruè)

1. Introdução

Embora o nosso tema na presente reflexão, seja o da “Urgência da Missão no Evangelho segundo Lucas”, é imprescindível abordar alguns elementos a ter em consideração sempre que nos aproximamos e pretendemos ler, meditar e compreender o terceiro Evangelho, a saber:

- O rigor lucano: Lc pretende apresentar-se, desde o prólogo, como historiador ou narrador rigoroso que se baseia em fontes, segundo o costume dos escritores gregos do seu tempo (Lc 1,1), com a peculiaridade de que em Lc a história está ao serviço da teologia (2,1-2);

- Universalismo segundo o qual o Evangelho se dirige a todos os homens, de tal modo que a genealogia de Jesus em Lc não começa com Abraão, mas sim com Adão, pai de todos os homens (Lc 3,38), além de outras alusões à finalidade universal da Igreja que são peculiares a Lc (2,14.32; 24, 47). A título de exemplo, Lc apresenta os samaritanos como modelos de caridade e de gratidão (10,25-37; 17,11-19) daí a necessidade da missão e da evangelização, mas é em Jerusalém que deve iniciar a Evangelização do mundo (Lc 1,5; 24,47; Act 1,8), seguindo a primazia do Espírito Santo (Lc 1,15.35.41.67; 2,25-27; 4,1.14.18; 10,21; 11,13; 24,49) (cfr. MACKENZIE, 1983, p. 558). Temos que ter em consideração, portanto, que Lucas escreve depois de amenizada a ideia de “Parusia eminente”; Ele já pensa no tempo da Igreja e sua missão, pois a Igreja continua no tempo a obra iniciada por Cristo. Claramente este tema será mais desenvolvido em Act, considerado por muitos estudiosos como segundo volume de uma única obra, cujo primeiro volume é precisamente Lc.

- A isso se associa o interesse de Jesus pelas pessoas sobretudo pelos mais marginalizados, a ponto de Lc ganhar o epíteto de “Evangelista da mansidão de Cristo”. De facto, é neste Evangelho onde mais se desculpam os discípulos, pela sua lentidão em compreender o Mestre (Lc 9,45; 18,34; 22,45).

- A importância de Jerusalém na teologia lucana, pois é lá que o Evangelho começou (Lc 1,5ss) e é lá que deve terminar, com a realização da salvação (24,52ss). Aliado a isso, Lc dedica quase 10 capítulos à subida de Jesus a Jerusalém na assim chamada “grande adição” (Lc 9,51-18,14) e é nesse percurso onde também se pode encontrar muitas parábolas e episódios típicos do terceiro Evangelho, a saber: a pecadora arrependida que precede a parábola dos dois devedores (7,36-50); a parábola do Bom Samaritano (10,25-37); parábola do Filho Pródigo (15,11-32), do fariseu e do publicano que vão ao templo para rezar (18,9-14), só para citar alguns exemplos (cfr. Bauer, II, 1988, p. 706).

2. O Tema da Missão, no Evangelho segundo S. Lucas

Antes de apresentarmos os textos mais relevantes sobre a missão em Lc, importa apresentar as fontes dessa missão.

2.1 Fontes da Missão

Alguns estudiosos têm levantado as seguintes questões: Será que Jesus tinha consciência messiânica, isto é, da sua missão na terra como Messias? A segunda questão está relacionada à primeira: em que âmbito essa missão se circunscrevia?

No que diz respeito à questão da discussão sobre a autoconsciência da missão messiânica de Jesus é preciso ter em conta que uma vez que o Evangelho não é um livro de psicologia, mais do que levantar-se a questão da autoconsciência é mais correcto abordar a questão da autoridade da missão de Jesus, de resto muitas vezes levantada pelos seus opositores. Para tal, temos de ter clareza de que a fé em Jesus-Messias (O Cristo) se condensa depois da Páscoa, embora os Evangelhos coloquem esta confissão antes da Páscoa.

Lc 24,46-49 apresenta os elementos essenciais da teologia da missão em Lucas. Com efeito é possível notar: a) A morte e a ressurreição de Jesus são a fonte da missão; para Lc representam o ponto culminante de toda a história de Jesus. É no contexto da aparição do Ressuscitado entre os seus discípulos que surge a missão em todas as suas dimensões: Jerusalém é o ponto de chegada da grande viagem de Jesus (9,51-19,28), como dito anteriormente, mas é também ponto de partida para a proclamação do Evangelho se irradiar pelo mundo inteiro. É importante notar que a cidade de Jerusalém se torna um elo significativo entre a história de Israel e a expansão da mensagem cristã, passando pela história de Jesus. Além do mais o evangelho de Lc começa em Jerusalém, no templo (1,9) e termina no mesmo lugar (24,52-52).

Um outro elemento que sustenta a autoridade da missão de Jesus na terra é o tema do Reino de Deus (βασιλεια του Θεου) pois “O Reino de Deus é a realidade definitiva, permanente, a salvação definitiva para cada homem e para a humanidade que Deus vai cumprir e que desde já começou a actuar; é a nova ordem que será estabelecida e que se contrapõe ao legalismo do mundo” (Gnilka, 1999, p. 201 cita Lc 11,20).

Sobre a segunda questão, isto é, os primeiros destinatários primordiais da missão de Jesus, é possível afirmar inequivocamente que ela era destinada em primeiro lugar os filhos de Israel (Mesmo em Lc, cujo público era sobretudo pagão, vem suprimida a viagem a Tiro e sidonia, presente em Mc 7,24; Mt 15,21), com a cura extraordinária concedida a uma mulher sirofenícia (Mc 27-30). Tanto o difícil diálogo entre a siro-fenícia e Jesus em Mt, como a ausência do trecho em Lc, são emblemáticos para responder à questão anteriormente colocada e a confirmação de que primariamente a missão era destinada aos filhos do reino (Lc 13,28) (cfr. Sabourin, 1989, p. 15, o qual citando Drury, afirma que dos 3 sinópticos, Lc é aquele que menos se interessa pela missão de Jesus juntos dos pagãos).

2.2 Urgência da missão

Há diversas maneiras de conceber e dividir o ministério público de Jesus, sendo uma das propostas a divisão sob perspectiva pascal da seguinte maneira: 1. O Anúncio, Primeira fase (4,14-9,50); 2. A preparação (9,51-19,27) e 3. cumprimento (19,28-24,53).

Em cada um das três partes podemos identificar pelo menos um texto emblemático sobre a urgência da missão em Lc. Se não vejamos:

a) Lc 4,14-30

Com a inauguração da missão de Jesus na sinagoga de Nazaré (Lc 4,14-30), ele reveste-se de título de profeta (4,24) e nessa ocasião pronuncia um discurso programático retomando a profecia de Is 61,1-2 (Lc 4,18-19). Com este trecho, Lc quer oferecer um quadro programático da missão de Jesus e a abertura universal da sua mensagem. O texto citado Is 61,1ss provavelmente evocava a consagração de um profeta (cfr. 1Rs 19,16), porém Jesus refere-se aqui ao espírito por ele recebido por ocasião do seu Baptismo, que serve pois de fonte da sua mensagem e sua acção salvífica. De notar que com um propósito teológico, Lc omite a última parte da citação de Isaías que se referia ao “dia de vingança para nosso Deus” (Is 61,2b) (Green, 1997, p. 302).

A primeira característica do texto é a afirmação da iniciativa divina que “unge e envia” Jesus como profeta (4,18). Com efeito, logo adiante ele mesmo se qualifica como tal (4,24) e se compara em sua actuação às grandes figuras proféticas do AT, Elias e Eliseu. A narração indica também em que consiste a missão profética de Jesus: evangelizar os pobres; proclamar a libertação aos presos, a recuperação da vista aos cegos e um ano de graça do Senhor.

A perspectiva de Lucas quer pôr em destaque a atuação de Jesus em favor dos marginalizados. Trata-se, portanto, de uma dimensão necessariamente social: Jesus se dedica generosamente a todos os desamparados, fracos e excluídos. Esta dimensão social é reforçada pela menção do “ano de graça do Senhor”. Com efeito esta expressão lembra o ano jubilar, que era proclamado em cada 50 anos (Lv 25,10-13) que no AT exigia a libertação dos escravos e a devolução das terras aos legítimos proprietários, reconhecendo que a terra e o ser humano pertencem a Deus. Nesse sentido, Jesus se apresenta como um profeta que exige o cumprimento das Escrituras, em todas as suas dimensões: de justiça e espiritual.

A segunda característica é a evangelização dos pobres que depende do verbo “me ungiu” enquanto as outras funções dependem do verbo “me enviou”: esta distinção no início da atividade messiânica de Jesus é importante, porque se trata de uma atuação constante (cfr. 7,18-23; cfr. At 10,38).

A proclamação do arrependimento para o perdão dos pecados é o conteúdo da missão, e está relacionada com o anúncio do AT, enquanto parte do Reino de Deus (βασιλεια του Θεου). Com efeito, Lc é quem dá grande destaque à misericórdia divina, e ao longo do Evangelho, Jesus é de certa forma a grande testemunha desse amor misericordioso. Jesus não só atende aos pedidos que lhes são dirigidos (17,13), mas se manifesta extremamente sensível diante da dor e da necessidade humana, por isso actua em favor dos mais fracos e sofredores, sobretudo mulheres (7,1-17; 7,36-50; 13,11-17) e estrangeiros (7,9; 10,25-37; 17,11-19).

Jesus não se limita, portanto, à leitura do texto sagrado de Is como também o actualiza no “hoje” do seu tempo, apresentando desse modo a sua vinda como a chegada da era de graça anunciada pelo profeta (Lc 4,21).

Quanto à reviravolta de Lc 4,14.22 para 4,23-30, isto é, da admiração das multidões, tema caro a (Lc 4,22; 8,25; 9,43; 11,27) para uma aversão, isso pode ser explicado como resultante de uma evolução literária de duas narrações distintas: uma sobre a visita a uma sinagoga, com uma pregação cheia de êxito e posteriormente retomada, remanejada para explicar as incompreensões e recusas que se seguiram à primitiva benevolência do povo.

Deste texto complexo, Lc soube extrair uma página admirável, que manteve no começo do ministério, como cena inaugural e onde pinta em resumo simbólico a missão de Jesus em vista da graça e a recusa do seu povo.

b) Lc 9, 57-10,16

Esta narração lucana está inserida no contexto da “longa” viagem de Jesus a Jerusalém, considerado o centro, o coração e a chave de leitura de todo o Evangelho. Trata-se daquilo que muitos comentaristas chamam de “exigências da vocação apostólica”.

Em Lc 9,57-62, os dois primeiros diálogos estão também presentes em Mt (Lc 9,57-58 e Lc 9,59) onde já mostram a radicalidade do chamamento ao não dar nem sequer tempo ao chamado para enterrar os seus mortos com a frase “deixa que os mortos enterrem os seus mortos”, por um lado jogando com duplo sentido da palavra “morto” (físico e espiritual) e, como dito anteriormente, por outro, de notar que diferentemente de Mt, em Lc 9,59 não é o discípulo mas o próprio Jesus que chama e força o discípulo a segui-lo, com um mandato concreto: “tu porém, vai e anuncia o Reino de Deus”. Maior atenção merecem ainda os vv. 61-62, sem paralelo nos sinópticos mas que encontram suas raízes em 1Rs 19,20-21, onde Eliseu antes de se pôr ao serviço de Deus, pede a Elías a oportunidade de se despedir de seus pais e lhe é concedido. Em Lc essa concessão não existe, pois, a missão é urgente e radical.

É também apenas em Lc que se fala da missão dos 72 (Lc 10,1-16), embora as exigências conexas a essa missão estejam presentes em Mt 9,37-38, quando o Mestre se dirige aos Doze. Aqui a urgência da missão é expressa pela pressa, a ponto de ser proibido entreter-se saudando a quem quer que seja (Lc 10,4), tudo isso porque “está perto o Reino de Deus” (v.9) (cfr. cfr. Sabourin, 1989, p. 31).

c) Lc 24,13-53

Jesus ressuscitado aparece aos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35), episódio este não presente em outros evangelhos. Aglutinam-se nesse texto motivos missionários de grande densidade tais como: a partilha da palavra (24,27), a bênção e a fração do pão (v.30), o que aliás lhes abriu os seus olhos para reconhecerem o Senhor, criando neles uma conversão e reviravolta.

A morte e a ressurreição de Jesus são o cumprimento das Escrituras: é o próprio Jesus Ressuscitado quem o diz para os discípulos de Emaús, abrindo-lhes as escrituras e a mente (24,44). Lc lembra a necessidade do sofrimento do Messias como caminho para a realização plena da salvação (24,44-46), por isso evidencia que o AT em sua totalidade – Lei, Profetas e Salmos – é o anúncio desse cumprimento e desconstrói assim a imagem de um Messias libertador político como eles imaginavam (Green, 1997, pp. 840-851). A proclamação do arrependimento para o perdão dos pecados é o conteúdo da missão, no contexto da instalação do Reino de Deus e está relacionada com o cumprimento das promessas do Antigo Testamento.

A missão é universal: a partir de Jerusalém se estende a todas as nações. O anúncio do evento pascal que inclui a proclamação da “conversão para a remissão dos pecados” ultrapassa as fronteiras da cultura e da história judaica para alcançar todas as nações. Agora o Ressuscitado renova esta missão transformando os discípulos em “testemunhas oculares” mencionadas no prólogo (1,2).

“Vós sois testemunhas disso” (24,48), aliás o tema de testemunhas (*martyres*) vai atravessar o Livro de Act, como seu fio de meada. Com esta expressão o evangelista indica a modalidade da missão. Ele está convencido de que a fé se difunde através de uma existência renovada que manifesta a força libertadora de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, o qual perdoa os pecados e oferece a todos a salvação. Finalmente, o discurso do ressuscitado prepara dessa forma o desenvolvimento da missão da igreja nos Atos (At 1,8).

3. Considerações finais

Longe de esgotarmos aqui o tema da “Urgência da missão no Evangelho segundo Lucas”, quisemos apenas sugerir as linhas mestras da compressão do tema dentro do esquema da divisão de Lc em 3 partes fundamentais que gravitam à volta de uma perspectiva pascal, identificando em cada uma, um texto relacionado ao tema, a saber: o Anúncio, Primeira fase (4,14-9,50); a Preparação (9,51-19,27) e o Cumprimento (19,28-24,53).

Depois de notarmos que a fonte fundamental da missão é a Ressurreição do Senhor e da catequese à volta da pessoa de Cristo, analisamos ainda que brevemente, as nuances de cada texto ressaltando particularmente a pressa e a necessidade da radicalidade da vocação e do chamado ao discipulado, bem como o envolvimento de um maior número de obreiros nessa missão (Lc fala da missão dos 72) com exigências de peculiar despreendimento e certo ascetismo (Lc 10,1-16).

Por último, sublinhamos aqui o facto de que Lc é apenas o primeiro volume que ficará completo em Act, onde o tema da missão vai encontrar seu maior desenvolvimento e amplitude.

Perguntas de aprofundamento

- 1) Apresente os principais fundamentos da missão no Evangelho de S. Lucas.
- 2) Indique os textos mais importantes em Lc que nos indicam a urgência da missão.
- 3) Identifique os destinatários da missão do Senhor Jesus, dos apóstolos e os destinatários da

missão no nosso tempo (século XXI).

Quinta-feira, 15 de Setembro de 2022

Tema: A ORAÇÃO NO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

Padre Salvador Bila (diocesano do Maputo)

Introdução

A oração, a fé e o Espírito Santo são uma presença transversal no evangelho de São Lucas. Neste evangelho, são várias as pessoas que rezam: Zacarias, Maria, Simeão, Ana são as primeiras personagens que oram a Deus, em súplica e acção de graças.

No terceiro evangelho é Jesus que se apresenta como o orante por excelência. É Ele que em todos os tempos e lugares se retira para orar ao Pai. É Ele que instrui sobre a oração. É ele que ensina aos discípulos a orar e reza por eles.

Hoje se pode falar de crise de oração como intimidade com o Pai. Há muitas rezas, muitos ritos, muitos cultos. Mas parece que esses actos religiosos nem sempre possibilitam aquela intimidade transformadora entre o orante e o Pai.

Jesus foi sustentado pela oração na sua missão na terra segundo São Lucas. Hoje também, num mundo cheio de distrações, só se pode manter na comunhão com Deus quem perseverar na oração. Sem oração, não há intimidade com Deus, nem força do Espírito Santo.

Neste artigo, vamos reflectir sobre a oração no evangelho de Lucas. Vamos ver que no evangelho de Lucas, Jesus é o orante por excelência. Vamos ver quando, como e em que circunstâncias Jesus ora.

Jesus, o orante por excelência!

Toda a vida e a acção de Jesus são conduzidas pelo Espírito Santo e antecedidas pela oração (cf. Lc 3,21-22). A oração, a fé e o Espírito Santo são apresentados neste evangelho como as condições principais para fazer a vontade do Pai. O Espírito Santo é o dom do Pai do Céu que o orante recebe na oração (cf. Lc 11,13), pelo qual fortifica a sua fé para vencer as tentações do diabo e realizar a vontade de Deus (cf. Lc 17,5-6). A oração é um exercício de insistência (cf. Lc 11, 9-10). É preciso orar sempre, sem desfalecer (cf. Lc 18,1)

Logo no início do seu ministério messiânico, Jesus cheio do Espírito Santo, retirou-se do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto, onde esteve durante quarenta dias, e era tentado pelo diabo (cf. Lc 4,1-2a). É o Espírito Santo que orienta as actividades de Jesus. O Espírito Santo conduz a Jesus para o deserto, o lugar da tentação.

É o mesmo Espírito que conduziu Jesus ao deserto, que o impeliu para a Galileia para ensinar nas sinagogas, lugares de pregação e de oração (cf. Lc 4,14ss). Jesus inicia a sua missão na Sinagoga de Nazaré, onde se prega e se ora. Depois da pregação na Galileia, Jesus expande a sua pregação para a Judeia. Mas, antes de começar essa jornada, de manhãzinha, muito cedo, Ele retirou-se para um lugar deserto (cf. Lc 4,42). A jornada de Jesus começa muito cedo e começa com um retiro com Deus em lugar deserto. As decisões de Jesus são tomadas neste encontro matutino com Deus. Estes encontros de oração de Jesus com o Pai não são pontuais ou ocasionais. *Jesus permanecia, retirado em lugares desertos e orava* (Lc 5,16). A forma imperfeita do verbo significa uma acção habitual no passado. Estes encontros de oração permanentes de Jesus com o Pai servem para Jesus manter-se na obediência ao Pai e não se deixar levar pela fama que as suas obras provocavam (cf. Lc 5,15-16).

Jesus pregava e orava na sinagoga (Lc 4,16; 6,6), rezava no deserto, mas também rezava na montanha. Rezava logo no início da jornada, mas também passava toda a noite em oração a Deus (Lc 6,12). Para Jesus, todo o tempo, de manhã e de noite, e todo o lugar, na sinagoga, no deserto e na montanha são oportunos para orar ao Pai.

As decisões e as acções mais importantes de Jesus são sempre precedidas pela oração. Jesus ora antes da importante decisão da escolha dos apóstolos (Lc 6,12), Jesus dá graças a Deus antes da ceia pascal com os seus apóstolos (cf. Lc 22,17ss).

Jesus recomenda aos seus discípulos para que orem pelos seus inimigos, por aqueles que os difamam (cf. Lc 6,28). Os benefícios da oração não se limitam ao orante e aos seus familiares e amigos. A bondade de Deus que se alcança através da oração expande-se também aos inimigos: *rezai pelos que vos caluniam* (Lc 6,28b). O próprio Jesus deu o exemplo sublime desta oração pelos malfeitores. No Calvário, crucificado inocentemente reza pelo perdão dos seus algozes: *perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem* (Lc 23,34).

No evangelho de Lucas, toda a acção relevante de Jesus é realizada dentro de um contexto de comunhão com o Pai na oração. Foi no contexto de oração, que Jesus perguntou aos seus discípulos quem eles pensavam que Ele fosse (cf. Lc 9,18) e foi no contexto de oração que Ele se transfigurou, manifestou a sua glória e preparou os 3 discípulos para os dramáticos acontecimentos que se haviam de realizar em Jerusalém (cf. Lc 9,28ss). Essa oração é tão intensa a ponto de transformar o aspecto do seu rosto (cf. Lc 9,29).

Na oração, Jesus entra na comunhão e na alegria do Pai pela força do Espírito Santo (cf. Lc 10,21-22). É o Espírito Santo recebido na oração que suscita no orante o louvor ao Pai. Na oração, Jesus aprofunda o conhecimento do Pai. Conhecer não é apenas um acto mental ou individual. Conhecer alguém significa entrar na intimidade com essa pessoa. O Pai conhece o Filho e o Filho conhece o Pai. Isto significa que o Pai ama o Filho e o Filho ama o Pai. Orar, mais do que dizer palavras ou repetir fórmulas, é fazer essa experiência de ser amado pelo Pai e retribuir esse mesmo amor.

Os discípulos de Jesus notavam a intimidade que Jesus vivia com o Pai. Notavam a força que brotava desses momentos de retiro demorado que Jesus tinha com o Pai. Notavam que Jesus no princípio e no fim das suas jornadas estava sempre com o Pai e desses encontros auriá sabedoria, serenidade e sobretudo a força do Espírito Santo. Os discípulos de Jesus aprendem a gostar de orar a partir do próprio exemplo do mestre, Jesus. Num dia, depois de vivenciar esse momento de oração pedem a Jesus que lhes ensine a orar (cf. Lc 11,1-4). Para Lucas, a oração principal é dirigida a Deus, reconhecendo-O como Pai. Para Jesus o nome significa a pessoa. Por isso, reconhecer e santificar o nome de Deus-Pai significa reconhecer a dignidade e a santidade do Pai. Assim, quando o nome de Deus é reconhecido, o seu reino se instaura, reino de paz e de justiça, reino inaugurado por Jesus Cristo, o Filho de Deus. O pão de cada dia é dom do Pai, por isso é preciso pedir e agradecer o alimento de cada dia. O Pai perdoa sempre, por isso, os seus filhos também devem aprender a perdoar. Quem não aprende a perdoar não pode ser Filho do Pai, que é amor e perdão. As tentações do diabo presentes em toda a parte procuram arrebatá-los os filhos do amor do Pai. Sem a força do Pai, que é o Espírito Santo, os filhos sucumbem na tentação. Por isso, é preciso rogar sempre ao Pai, para que livre os seus filhos das insídias do tentador, tal como Jesus rogou por Pedro para não ser conquistado pelo diabo (cf. Lc 22,31-32).

Jesus ensina aos discípulos que Deus não é só o Seu Pai, mas também é Pai de todos os seus discípulos. O nome do Pai deve ser santificado pelos seus filhos para que o seu reino seja instaurado e todos tenham pão e vivam em paz e reconciliados. Esse é o significado da oração que Jesus ensina aos seus discípulos para que rezem ao Pai.

Na oração não se pode desfalecer. Jesus ensina aos discípulos a ter paciência e perseverança na oração. Quem pede, recebe. Deus ouve sempre a oração de quem ora com perseverança (cf. Lc 11,5-13). Quem reza com fé, recebe a força de Deus com a qual é capaz de mover montanhas (cf. Lc 17,5-6). A fé vem da oração. Quem reza fortifica-se na fé e é capaz de enfrentar as dificuldades da vida. Deus faz justiça aos seus eleitos (cf. Lc 18,7-8).

A atitude do orante é fundamental para que a oração seja atendida. Para ilustrar a atitude correcta, Jesus conta a parábola do fariseu e do publicano. O fariseu estava convencido de ser justo enquanto o publicano, reconhecia-se pecador e invocava a misericórdia de Deus. A atitude humilde e sincera do publicano fez com que a sua oração fosse escutada, e saiu justificado do Templo (cf. Lc 18,9-14). Não basta orar, é preciso orar com atitude correcta para que a oração seja agradável a Deus. Na oração, não há necessidade de desprezar os outros. O importante na oração é reconhecer a nossa pequenez e pedir a misericórdia de Deus, como fez o publicano. Ninguém é justo diante de Deus. Todos precisamos da sua misericórdia. Ninguém deve julgar o outro. O nosso dever diante do outro é o amor.

O cego de Jericó (cf. Lc 19) é exemplo do discípulo ideal transformado pela oração. Ele nota a passagem de Jesus através da multidão. Mas a sua fé foi capaz de superar a percepção da multidão. A nossa experiência de Jesus é transmitida pela comunidade, mas não se pode limitar a repetir o comportamento da comunidade. A nossa fé deve reflectir a nossa experiência do amor e da misericórdia de Jesus. O cego ora com o brado,

com o grito. Ele ora gritando para que a sua oração chegue a Jesus. A sua oração é a expressão da sua fé. Para o cego, aquele homem não é só Jesus de Nazaré, mas sim o *Filho de David*. O Filho de David é o Messias esperado, anunciado pelos profetas. O cego reza com o coração, com a voz. O cego reza contra tudo e todos aqueles que querem abafar a sua voz. O cego suplica a misericórdia do Filho de David sobre si. Nesta oração do cego, encontram-se os principais elementos que caracterizam uma oração pessoal: é uma oração feita a partir do contexto da própria vida; é uma oração pública feita, sem vergonha, elevando a voz, é uma oração sem fórmulas, mas que manifesta o que o orante percebe de Deus; é uma oração humilde, que invoca a misericórdia de Deus sobre o orante. Exaurida a sua oração, o cego começou a seguir Jesus, louvando a Deus. Assim, ensina-nos que todos os dons que recebemos de Deus devem ser colocados ao seu serviço.

Em Lucas, Jesus ensina também a dar a devida dignidade aos lugares de oração. Ele deu o exemplo de que se pode rezar em qualquer lugar. Mas respeita também os lugares de oração. Ele frequenta tanto as sinagogas, como o Templo. Ora, o templo tinha sido transformado em lugar de negócio, diante disso, Jesus devolve ao templo a sua dignidade de casa de oração, expulsando os vendilhões (cf. Lc 19,45-46). Honrar a casa de Deus é honrar o próprio Deus. Jesus zela pela casa de Deus, assim como zela pelo próprio Pai.

Jesus viveu o momento mais doloroso da sua vida num clima de profunda oração. O Diabo, depois das tentações do deserto, deixou Jesus até ao momento oportuno (cf. Lc 4,13). O momento da paixão de Jesus é o momento oportuno da última tentação. Jesus vive esse momento de prova e de tribulação em oração. Retira-se para o monte das Oliveiras. O monte é o lugar do encontro com Deus. No monte, Jesus está com os discípulos, mas está sobretudo com o Pai, que O sustenta e fortifica para enfrentar a sua paixão. O momento é muito delicado. Não se pode ultrapassar só com a força humana, por isso oportunamente Jesus adverte aos seus discípulos: *orai para que não entreis em tentação* (Lc 22,40). A oração é o único recurso capaz de nos livrar da força do diabo, pois nela nos enchemos da força de Deus. Jesus faz a sua oração de joelho. Essa postura significa humildade diante de Deus, significa reconhecimento e adoração da majestade de Deus, todo-poderoso.

Jesus pede ao Pai que afaste de si o cálice, que simboliza a sua paixão e morte. Contudo, Ele está disposto a renunciar a Sua vontade para fazer a vontade do Pai. Neste episódio, é apresentado o efeito da oração: a verdadeira oração traz sempre um sinal de Deus. Para Jesus, foi o anjo que o confortava. Deus escuta sempre a oração que quem ora com fé. Contudo, a resposta de Deus à oração não significa que Deus realiza o que o orante pede. De facto, Jesus pediu ao Pai que afastasse de Si o cálice, mas o cálice não foi afastado. Mesmo assim, Deus o fortificou para beber o cálice.

Jesus conhece a fragilidade dos seus discípulos. Instrui-os para que orem, pois sem a força da oração caem em tentação. Jesus ora particularmente por Pedro (cf. Lc 22,32), a quem deu a missão de fortalecer os seus irmãos. Pedro poderá fortalecer a fé dos seus irmãos se a sua fé não desfalecer. Os discípulos que Jesus escolhe para lhes confiar a continuação da sua missão são também marcados pela fragilidade. Eles também podem cair nas ciladas do diabo. Mas Jesus ora por eles, protegendo-os contra as forças do mal. Esses

discípulos são chamados a seguir o exemplo de Jesus. Ele consegue cumprir totalmente a missão que o Pai lhe confiou porque vive na intimidade com o Pai na oração, sem a qual se sucumbe em tentação.

Na sua angústia perante a paixão, Jesus não só ora por si mesmo, mas também se recorda de orar por Pedro e por todos os seus discípulos. Ele não se fecha em si mesmo. Ele não pensa só em si mesmo e nas suas dores. Prevê igualmente as fraquezas e a dor do Pedro face à paixão que se aproxima. Jesus vive o momento da paixão com todas as suas dores porque fortificado pelo Pai, porque está na intimidade do Pai. Ele obedece à vontade do Pai, por isso o Pai o fortalece. Ele aprende na oração a fazer não a sua vontade, mas a vontade do Pai. Ora, só é capaz de renunciar a sua vontade para fazer a vontade do Pai, quem conhece o Pai.

Jesus termina a sua vida em diálogo orante com o Pai. Oferece tudo ao Pai. Pede ao Pai que perdoe aos que lhe tiram a vida. Ele não quer partir amargurado ao encontro do Pai. Por isso perdoa aos que lhe tiram a vida e pede igualmente o perdão do Pai para eles. Ele aceita pacificamente o seu destino. Jesus termina a sua vida com uma oração de abandono ao Pai. *Dando um forte grito, exclamou: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito". Dito isto, expirou (Lc 23,46).* Jesus entrega o seu espírito ao Pai. A sua vida começou no Pai e termina no Pai. Jesus viveu em oração e missão. A oração de Jesus dá forma ao seu ministério. Tudo que Jesus faz começa e termina com a oração.

Conclusão

O Espírito Santo, a fé e a oração constituem três elementos fundamentais na vida de Jesus e na vida dos seus discípulos. Para fazer a vontade do Pai, Jesus é repleto, impelido e conduzido pelo Espírito Santo. O caminho do mestre se torna também caminho do discípulo. O Espírito Santo é o maior dom do Pai. A fé é fortificada pela oração. A oração não é uma fórmula. É uma relação de intimidade, de amor, de obediência, de conhecimento que Jesus estabelece com o seu Pai. Jesus aproveita todos os momentos e todas as circunstâncias para orar. Ele ora de manhã, ora de noite, ora no deserto, ora na montanha. Todo o momento seja de alegria, seja de angústia, é sempre um momento de oração ao Pai. Os momentos decisivos da vida de Jesus são sempre precedidos de oração para que se descubra a vontade do Pai.

São Lucas apresenta-nos diversas modalidades de oração: o louvor, a súplica, a intercessão, o silêncio de meditação e de contrição. Há diversidade de modos de orar, dependendo das circunstâncias e do orante. Jesus dirige a sua oração ao Pai. Aqueles que crêem que Jesus é o Messias, dirigem a sua oração a Ele. Podemos tomar como alguns exemplos de oração em Lucas:

Maria disse: *A minha alma glorifica o Senhor* – Lc 1,46ss

Zacarias ficou cheio do Espírito Santo e profetizou com estas palavras: *Bendito o Senhor, Deus de Israel*, Lc 1,67

Simeão tomou-o nos braços e bendisse a Deus, dizendo: *Agora, Senhor, segundo a tua palavra...* Lc 2,28

Na oração, o Pai fala com Jesus, o Filho. Estando em oração, o céu rasgou-se, e o Espírito Santo desceu sobre Ele (...). Do céu veio uma voz: *Tu és o meu Filho amado, em ti pus todo o meu agrado.*

Simão Pedro caiu aos pés de Jesus, dizendo: *afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador.* Lc 5,8

Ao ver Jesus, caiu com a face por terra e dirigiu-lhe esta súplica: *Senhor, se quiseres, podes purificar-me.* Lc 5,12

Eu te bendigo, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra... Lc 10,21

Quando orardes, dizei: *Pai...* Lc 11,2

O cobrador de impostos, mantendo-se à distância, nem sequer ousava levantar os olhos ao céu; mas batia no peito, dizendo: *Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador.* Lc 18,13

Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo não se faça a minha vontade, mas a tua. Lc 22,42

Perdoa-lhe, Pai, porque não sabem o que fazem. Lc 23,34

Jesus, lembra-te de mim, quando estiveres no teu reino. Lc 23,42

Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. Lc 23,46.

No evangelho de Lucas encontramos vários orantes, mas o orante por excelência é Jesus, o Filho, que ora ao Pai. Ele ensina também os seus discípulos a orar ao Pai.

A oração não são só palavras, é também silêncio, é também meditação. Na oração é preciso persistência. O discípulo está sempre em tentação: *«Tende cuidado convosco: que os vossos corações não se tornem pesados com a devassidão, a embriaguez e as preocupações da vida, e que esse dia não caia sobre vós subitamente, como um laço; pois atingirá todos os que habitam a terra inteira. Velai, pois, orando continuamente, a fim de terdes força para escapar a tudo o que vai acontecer e aparecerdes firmes diante do Filho do Homem.»* O discípulo corre risco de se cansar de orar e vigiar. Mas, se ele quer permanecer em Cristo, fortificando a sua fé deve *orar continuamente.*

Perguntas de aprofundamento

1. Por que razão Jesus é o orante por excelência no evangelho de Lucas?
2. Quais são as condições principais para vencer as tentações do diabo e fazer a vontade do Pai?
3. Quais são as dificuldades que se encontram na oração?
4. Dê alguns exemplos dos tipos de oração que se encontram no evangelho de Lucas.
5. Qual é a importância da oração para o cristão, o discípulo de Cristo?

SEXTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 2022

Tema: A MULHER NO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS: UM INSTRUMENTO DE DEUS PARA A TRANSFORMAÇÃO DA HISTÓRIA

Irmã Margaret Khaula, Carmelita SCJ

Introdução

O tema do empoderamento feminino é relativamente recente, mas o poder e a influência da mulher na sociedade são tão antigos como a humanidade. Embora não falem dificuldades e resistências ao processo de

empoderamento da mulher, constata-se que as sociedades a pouco e pouco vão valorizando e reconhecendo o contributo da mulher. O nosso tema pretende aprofundar o papel da mulher segundo o evangelho de Lucas no intuito de descobrir como Deus serve-se da mulher no processo de transformação da história universal.

A mulher no contexto greco-romano

No mundo greco-romano, onde o cristianismo nasceu, a mulher era vista como inferior ao homem: ela não tinha direito à identidade civil: De facto, ela começou a ser contada nos recenseamentos no século III.² A mulher era extremamente dependente e subordinada ao chefe da família ou, quando casada, ao seu marido e senhor. Podemos dizer que a mulher, às vezes, era semelhante aos escravos, os quais não possuíam nenhum direito político ou jurídico.³ Ela era excluída da vida política. Não podia, por exemplo, votar nas eleições dos magistrados. Não podia fazer testamento e estava submetida para toda a vida à tutela masculina em tudo. Em alguns casos, não herdava nem podia dispor dos seus bens a favor dos seus próprios filhos.

A mulher e a impureza religiosa

No âmbito religioso, os sacerdotes e as lideranças do Templo (os chamados levitas) eram considerados os mais puros da sociedade, enquanto que os judeus de classes inferiores deviam realizar rituais de purificação e oferecer sacrifícios expiatórios, isto é, pelo perdão dos seus pecados. Naquele tempo, a impureza era definida a partir de certos alimentos, doenças, fluidos corporais, etc. que eram considerados impuros.⁴ Quando a mulher estava no seu período menstrual devia ficar isolada e não lhe era permitido aproximar o lugar sagrado para a oração; era privada dos direitos religiosos tais como, por exemplo, o direito à peregrinação ao templo de Jerusalém, à participação nas festas religiosas, à liderança religiosa, etc.

A mulher viúva na estrutura sociocultural mediterrânea

Na estrutura sociocultural mediterrânea não havia perspectivas favoráveis para as viúvas, pois a sociedade era marcada por instituições como o parentesco, a economia, política e religião.⁵ E, todas estas instituições dificultavam a inserção das viúvas. Se elas fossem jovens e não tivessem como ser amparadas por algum parente homem, se não fossem resgatadas em casamento por algum cunhado, e se não conseguissem casar novamente, o seu provável destino era tornar-se uma prostituta. Caso fosse uma viúva velha e não tivesse um filho ou um parente piedoso não lhe restava outra opção senão a via da mendicância. Mas ela podia tornar-se também uma escrava caso não conseguisse depositar nos cofres arrecadadores os impostos exigidos pelas instituições político-religiosas. Quem ficava devendo impostos era condenada e vendida

• ² Cadore, D. A voz Feminina, no mundo Grego Romano, 25 de set. de 2020, in <https://www.vemevamos.com/post/a-voz-feminina-mulheres-no-mundo-greco-romano>

³ Rodriguez, Valeria Leoni, A importância da Mulher, in <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf>, 20.de julho 2022

⁴ cf. Rodrigues, E. A receção da nação de pureza na experiência religiosa de obreiros evangélicos, em Estudo de religião, vol. 23, no. 36, 80-106, ja/jun 2009

⁵ Malina, B. J., O Evangelho social de Jesus: o reino de Deus em perspectiva mediterrânea. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004. [Original, 2001].

como escrava.⁶ Não obstante tudo, nota-se que a valorização da mulher está a crescer. A figura de Maria, a Mãe de Jesus é um exemplo por excelência **que anuncia a** transformação das situações na história em três campos: religioso, político e económico.

2. O Magnificat: a profecia dum mundo novo.⁷

a) No campo religioso (Lc 1, 51: dispersou os soberbos de coração)

Os soberbos referidos em Lc 1, 51 são os líderes religiosos que se acham superiores e mais puros que os outros. Eles desprezam os outros: as mulheres pecadoras, mulheres com fluxo de sangue, viúvas, leprosos, etc. São egoístas e põem os seus próprios interesses em primeiro lugar. Em vez de adorar a Deus (o culto verdadeiro), adoram o seu próprio eu.

Por isso, Maria, como profeta, denuncia atitudes dos líderes religiosos e anuncia um novo tempo para os oprimidos.

b) No campo político (Lc 1, 52 “Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes”)

Na Bíblia, o termo “trono” simboliza o poder político e a legislação (2Sm 3,10; Sl 122,5). **Os poderosos** são aqueles que detêm o poder, e, muitas vezes, abusam dele. O termo “derrubar” é depor, abater e tirar, enquanto “elevantar” significa reabilitar e resgatar. Assim, Maria afirma que Deus tira o poder das mãos dos prepotentes e o dá aos humildes. Deus resgata e recupera a dignidade das pessoas, fazendo do poder e a lei instrumentos de amor, do bem comum e do serviço à sociedade.

c) No campo da economia (Lc 1, 53): “Aos famintos enche de bens e despede os ricos de mãos vazias”

Maria confia no agir de Deus, e ao afirmar que Deus enche de bens os famintos e despede os ricos de mãos vazias, Ela apregoa que todos os seres humanos devem ter acesso aos bens materiais; daí que é necessário o espírito de partilha e sobriedade. Maria profetiza uma transformação no campo económico: da acumulação egoísta para a sociedade de partilha generosa.

3. Algumas mulheres transformadoras da história no Evangelho de Lucas

Além de Maria, o evangelho de Lucas apresenta-nos um grupo das mulheres que actuam como instrumentos de Deus na transformação da história. Elas manifestam uma atitude madura de fé e reconhecem a grandeza de Deus. Elas são capacitadas a acolher a graça da experiência do amor de Deus e denunciar o mal - atuando como profetas do seu tempo. O Evangelho de Lucas guarda muitos relatos de mulheres, vejamos os seguintes:

⁶ Wengst, K., Pax Romana pretensão e realidade. Trad. António M. da Torre. São Paulo: Paulinas, 1991

⁷ Maia, G. L., Magnificat, O cântico de Maria, 2012 in <https://www.pnsg.com.br/magnificat-o-cantico-de-maria>, 21.07.2022

a) Isabel (1, 5-25)

Era justo que João Baptista nascesse para cuidar dos seus pais e também para continuar o ministério sacerdotal do seu pai. Quanto a Zacarias e Isabel, o maior sinal de que eram de verdade justos e cumpridores dos mandamentos é verem em João Batista não só uma bênção para si mesmos, mas para toda a história da salvação, para todo o povo para Deus.

b) Ana (2, 36-38)

Nunca deixava o Templo, servindo a Deus noite e dia, com jejuns e orações”. Como Judite (Jd 8,1-6), Ana é viúva. Como Débora (Jz 4,4), ela é profetisa, isto é, pessoa que tem uma abertura especial para as coisas do alto e tem o poder de comunicá-las aos outros: Por isso, *"ela louvava a Deus, e falava do menino a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém"*.

c) A viúva de Naim (7, 11-17)

"Ao vê-la, o Senhor teve compaixão dela, e lhe disse: Não chores!...Jesus se aproxima, toca no caixão e diz: "Jovem, eu te ordeno, levante-te!" O morto sentou-se, e começou a falar. E Jesus o entregou à sua mãe".

Naquele tempo, a sua situação social como mulher viúva era muito difícil. Falecido o marido, ela ficava sob a proteção dos filhos e, não tendo filhos, ficava à mercê da própria sorte. Esta mãe e viúva encontrava-se num grande sofrimento, pois, além de perder o seu esposo, perde também o seu filho amado que constituía a única herança que tinha. As lágrimas dela falam... A dor inconsolável das perdas e o seu lamento profundo chegam ao coração misericordioso de Jesus.

d) A mulher pecadora (Lc 7, 36-50)

A mulher pecadora tem a coragem de afrontar as normas da sociedade e da religião. Ela entra em casa de um fariseu para encontrar-se com Jesus, e tem gestos de independência como, por exemplo, soltar os cabelos em público, pois não era permitido. Ela é censurada pelo fariseu, mas Jesus a acolhe e a defende contra o fariseu. Jesus a declara perdoada e acrescenta: *"Tua fé te salvou! Vai em paz!"* Aqui transparece a novidade da atitude de Jesus. Ele não condena, como fazem os fariseus, mas acolhe. E foi a fé que ajudou a mulher a se recompor e a se reencontrar consigo mesma e com Deus.

e) Maria Madalena, Joana, Suzana e as outras mulheres que seguiam Jesus (8, 1-3)

O surpreendente na atitude de Jesus é que, ao lado dos homens, há também mulheres "junto com Jesus". Lucas coloca os discípulos e as discípulas em pé de igualdade, pois ambos seguem Jesus. O nosso evangelista conservou os nomes de algumas destas discípulas:

- Maria Madalena, nascida na cidade de Magdala, tinha sido curada de sete demônios e foi a primeira testemunha da ressurreição de Jesus.
- Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes Antipas, que era governador da Galileia;
- Suzana e várias outras. Delas se afirma que "seguem Jesus" (cf. Marcos 15,41) e que o "servem com os seus bens".

Infelizmente, a tradição eclesiástica nem sempre valorizou este dado com a mesma importância com que valorizou os homens que seguiam Jesus.

f) Marta e Maria (10, 38-42)

No contexto histórico de Israel daquela época, um mestre judeu jamais ensinaria a uma mulher, porque eles achavam as mulheres indignas e incapazes de aprender. Um mestre judeu considerava uma vergonha ser aproximado por uma mulher. Jesus foi revolucionário para sua época em relação às mulheres. Mas, Maria desafia a cultura. Como discípula, senta aos pés de mestre.

g) A mulher encurvada (13, 10-17)

A mulher encurvada não se importa com os gritos do dirigente da sinagoga. Ela busca a cura, mesmo em dia de sábado. A sua vida entra em jogo, mas ela é capaz de perceber a relatividade das normas. Ela é acolhida por Jesus como “filha de Abraão”, isto é, membro pleno do povo de Deus.

h) A mulher que procura a moeda perdida (15, 8-10)

A parábola era para comunicar esperança a quem estava ameaçado de desespero pela religião oficial - pecador ou pecadora é condenado para sempre. Esta mensagem evoca o que Deus nos diz no livro do profeta Isaías: “Eu te gravei na palma da minha mão!” (Is 49,16). “Tu és precioso aos meus olhos, eu te amo!” (Is 43,4)

i) A viúva insistente (18, 1-8)

A atitude dessa mulher é, do começo ao fim, destacada como referência de quem se deve aprender. Diante da violência do sistema injusto é preciso resistir com firmeza e intrepidez. A situação de vida e o atuar desta viúva não é um caso isolado na antiguidade. Com o seu exemplo, a parábola condensa as experiências de muitas viúvas, as quais, conforme a tradição do seu tempo, tantas vezes estão expostas à injustiça civil e religiosa. A parábola de Jesus assume positivamente a experiência desta viúva que luta por seus direitos e os conquistados. Com isto, a parábola quer estimular e animar as pessoas crentes à oração ativa e contínua em

meio ao sofrimento da vida. Portanto, a parábola reflete a situação de vida das viúvas que muitas vezes tinham que levantar-se e impor-se para garantir que os seus direitos sejam respeitados.⁸

j) As mulheres de Jerusalém que choram atrás da cruz (Lc 23, 27-31).

Neste último encontro, antes da morte na cruz, Jesus mostra uma vez mais o seu imenso amor para com os últimos e marginados (as mulheres). De facto, naquele tempo, as mulheres não eram consideradas dignas de ser interpeladas, enquanto Jesus, com a sua bondade, manifesta uma altitude revolucionário. Às mulheres que choravam, Ele falou de penitência, do dia do Juízo, quando nos encontrarmos diante dele. Ele exorta-nos a não subestimar a presença do mal em nós e no mundo, e mostra-nos o perigo de sermos encontrados, no juízo final, culpados e estéreis.

Conclusão

Jesus criou um movimento novo, rompeu uma série de preconceitos culturais e entre as suas inovações está o discipulado feminino. No seu discipulado, eram admitidas mulheres, em igualdade de condições com os homens. Entre elas, Lucas menciona Maria Madalena, Joana, mulher da Cuza e Suzana. Jesus convive com elas, conversa com elas e as escuta. Elas participam ativamente no plano de Jesus e são beneficiadas com milagres e curas. Jesus quebra os preconceitos da impureza, deixa-se tocar pela emoroiça e pela pecadora. Ele mesmo toca o cadáver da filha de Jairo. Ele não apenas convive, mas acolhe e promove os desprezados pela religião e pelo governo (o império romano), oferecendo um lugar na convivência humana, acolhe como irmã e irmão os que eram rotulados e afastados: os enfermos, viúvas, pecadoras. Portanto ele é o amigo compassivo, libertador dos fardos, um amigo que consola na tristeza e um aliado nas lutas das mulheres - dando-lhes de volta a plena dignidade pessoal diante de Deus.

Maria participa e saboreia o gosto da Boa Nova trazida por Jesus. Ela toca na vivência a nova experiência comunitária libertadora que seu Filho inaugura. Por isso, Maria é portadora, de uma nova esperança e um novo modo de ser mulher. Ela não é uma mulher alienada, passiva e submissa, mas alguém que foi plenamente mulher de seu tempo, participando no projeto do Reino de Deus.

Além de Maria, há outras mulheres no evangelho de Lucas que participaram no projeto libertador de Jesus. Hoje, são tantas as mulheres que, embora muitas vezes despercebidas, com a sua presença entusiasta e contagiante, cheias de amor, ternura, compaixão e solidariedade, semeiam o sonho de um mundo novo, com homens e mulheres novos, solidários e promotores da paz, da justiça e da valorização das mulheres.

Perguntas para aprofundamento

⁸ Richter, I. *El poder de una protagonista: La oración de las personas excluidas* (Lucas 18,1-8). Ribla em *Pero Nosotras decimos*. Revista latino americana de Estudios bíblicos CLAI. n.25. 1997

1. Qual é o legado destas mulheres bíblicas para nós?
2. Que dificuldades as mulheres enfrentam hoje?
3. O que podemos fazer perante tais dificuldades?

SÁBADO, 17 DE SETEMBRO DE 2022

Tema: JESUS NO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

Padre Marcos Mubango (Diocesano da Beira)

Introdução

Os evangelhos são escritos do Novo Testamento que se propõem transmitir factos e palavras da vida de Jesus de Nazaré. Através destes escritos, os factos e as palavras de Jesus são coloridos pela experiência das comunidades da primeira geração cristã. Cada evangelista, de facto, procura actualizar a pessoa e o projeto de Jesus de Nazaré na vida das comunidades para as quais escreve. Por isso, embora a imagem de Jesus apresentada por cada um deles seja, nas suas linhas fundamentais, comum aos outros evangelistas, existem acentuações particulares de cada um. Uma das formas de ver tais acentuações em cada evangelho é olhar para os títulos nele usados para designar Jesus. Em Lucas, os principais títulos atribuídos a Jesus, são: Senhor, Salvador, Cristo de Deus e Profeta. Outra forma é olhar para o modo de agir de Jesus. Por essa via, é possível perceber que, para Lucas, Jesus é um homem de oração e o rosto misericordioso Deus face às pessoas necessitadas e marginalizadas. Esta última atitude, porém, reforça o título de Salvador que traz a libertação de tudo aquilo que impede as pessoas de viverem uma vida digna. O presente trabalho procurará ver brevemente os quatro títulos acima referidos e a atitude orante de Jesus.

1. Jesus é o Senhor

“Senhor” é um título que o evangelista Lucas atribui a Jesus com muita frequência, usando-o 103 vezes só no evangelho e outras 107 vezes no livro dos Actos dos Apóstolos, contra as 18 vezes do evangelista Marcos. Do grego *Kyrios*, este título, na versão grega da Bíblia hebraica, a Septuaginta, traduz o nome próprio de Deus, YHWH.⁹ Aplicar este título a Jesus, portanto, significa afirmar a Sua divindade.¹⁰

Normalmente, este título divino de Jesus é-lhe atribuído depois da sua ressurreição.¹¹ Lucas, porém, com mais frequência,¹² aplica-o também a Jesus durante a Sua vida e missão terrena.¹³ Assim fazendo, ele procura dar um carácter teológico e um valor universal aos episódios onde usa este título.¹⁴

Na narrativa do nascimento e da infância de Jesus (Cf. Lc 1,5-2,52), o título Senhor é-lhe aplicado em Lc 1,43, onde Maria é chamada “Mãe do meu Senhor”, donde se depreende que Maria é “Mãe de Deus”, e em Lc 2,11, onde irrompe o alegre anúncio do anjo aos pastores: “Nasceu-vos hoje um salvador, que é o Cristo-

⁹ Cf. MCKENZIE J. L., *Senhor*, Dicionário bíblico, Paulus, São Paulo 1984, p. 787.

¹⁰ Idem, p. 786.

¹¹ Idem, p. 787.

¹² Cerca de 13 vezes em Lucas e 5 vezes em João.

¹³ Cf. LEÓN-DUFOUR, X., *Senhor*, Vocabulário de teologia bíblica, Vozes, Petrópolis 1972, p. 964.

¹⁴ Cf. MCKENZIE J. L., *Op. Cit.*, p. 788.

Senhor”. Este uso lucano do título “Senhor” parece manifestar o conflito de Jesus, Senhor da história, com os imperadores romanos, senhores deste mundo.¹⁵ De facto, quando todos deviam submeter-se ao imperador, senhor de tudo, o anjo anuncia alegremente a chegada de Jesus, Senhor da história. Note-se que, nesta citação bíblica, Lucas apresenta três títulos de Jesus que evidenciam a sua transcendência: Salvador, Cristo e Senhor.

Na sua pregação, João Batista também anuncia a chegada do Senhor da história (Cf. Lc 3,15-20), sempre em oposição a tantos senhores em meio aos quais ele vive.

Durante a vida pública de Jesus, Lucas atribui-lhe este título em diversas circunstâncias, revelando o surgir da consciência da Sua divindade. A título de exemplo, tais são os casos de Lc 5,8; 5,12; 9,54;18,4; 22,33, entre muitos outros.

Nos capítulos relativos à ressurreição de Jesus, é ainda mais significativo o uso do título Senhor. As mulheres que, muito cedo, foram à tumba, levando os aromas que tinham preparado, não encontraram “o corpo do Senhor Jesus” (Lc 24,3).

1. Jesus é o Cristo, o Messias

O título “Cristo” provém do grego Χριστός (Christos), tradução do hebraico mashiah, de onde deriva o termo Messias, e significa “ungido”.¹⁶ O unguido do Senhor representava uma pessoa escolhida por Deus para uma tarefa especial. No AT eram ungidos os sacerdotes, os reis e os profetas. Mas o unguido, o Messias, era também uma pessoa especial, o salvador que devia vir libertar Israel e instaurar um novo pacto entre Deus e o seu povo.

Ao usar este título para designar Jesus, Lucas quer reconhecê-lo como esse unguido especial que vem realizar de maneira plena a aliança entre Deus e seu povo. É particularmente na confissão de fé de Pedro que Lucas nos apresenta esta identidade de Jesus: “E Ele replicou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Pedro então respondeu: “O Cristo de Deus” (Lc 9,20).

Jesus, portanto, é para Lucas o Cristo de Deus, isto é, o Ungido de Deus, não o unguido guerreiro, mas o Ungido Servo de YHWH (Cf. Is 52,13-53,12), libertador do povo não pela violência, mas pela sua própria morte.

2. Jesus é o Salvador do mundo

A ocorrência da Palavra Salvador¹⁷ e as palavras a ela relacionadas,¹⁸ em Lucas, mostra a sua importância para o terceiro evangelista. De facto, se comparado com os outros evangelistas, Lucas usa estes três termos mais vezes.¹⁹

¹⁵ Cf. LEÓN-DUFOUR, X., *Op. Cit.*, p. 963.

¹⁶Cf. MCKENZIE J. L., *op. cit.*, p. 553.

¹⁷Em grego, sōtēr, cf. Lc 2,11. Em Atos dos Apóstolos Lucas se refere a Jesus como Salvador outras duas vezes: At 5,31; 13,23.

¹⁸Salvação, “soteria”, e salvar, “sozo”.

¹⁹Estes três termos ocorrem 26 vezes em Lucas contra as 16 vezes de Mateus, 15 de Marcos e 8 de João.

Para o evangelista Lucas, portanto, Jesus é o salvador, tal como é alegre e solenemente anunciado pelo anjo: “Nasceu-vos hoje um salvador, que é o Cristo Senhor” (Lc 2,11). O velho Simeão viu a salvação quando viu o menino Jesus (Cf. Lc 2,30). A expressão que melhor sintetiza o significado da missão salvífica de Jesus é a do próprio Jesus na casa de Zaqueu: “Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido”. Aliás, etimologicamente, o nome Jesus, versão grega do aramaico Josué, significa “o Senhor é libertação-salvação” (Nm 11,28).

A salvação do Jesus lucano é para todo o mundo, não porque o povo judeu a recusou, mas porque está no plano salvífico de Deus libertar toda a humanidade, de maneira especial os pobres (Cf. Lc 14,15-23; 16,19-31), os pecadores (Cf. Lc 5,27-32; 18,9-14), os samaritanos (Cf. Lc 9,5a1-56; 17,11-19) e as mulheres (Lc 4,38-39; 7,11-17; 7,36-50; 8,1-3; 8,43-56).

Opção pelos pobres

A opção pelos pobres aparece mais nitidamente no Evangelho de Lucas que nos outros evangelistas. Por pobres, Lucas compreende os presos, os cegos, os oprimidos (Lc 4,18), os famintos, os desolados, os aborrecidos, os difamados, os perseguidos, os marginalizados (Lc 6,20-22), os coxos, os leprosos, os surdos e até os mortos (Lc 7,22). O Jesus lucano, de facto, é alguém capaz de expressar seus sentimentos, de ter compaixão e sensibilidade diante dos pobres, dos excluídos e das pessoas que sofrem, seja de doenças físicas ou por problemas psíquicos e espirituais.²⁰ O anúncio da Boa Nova da libertação desta categoria de pessoas constitui o centro da mensagem de Jesus, tal como Ele próprio o refere no seu discurso programático em Nazaré (Lc 4,16-21), ao fazer a leitura do Profeta Isaías (61,1-2), e tal como o faz o cântico de Maria, o Magnificat (Lc 1,46-55).²¹

Misericórdia e compaixão aos pecadores

Além de Jesus ser muito acolhedor dos pecadores, a ponto de ser chamado amigo deles (cf. Lc 7,34), Lucas O apresenta como o rosto da misericórdia e da compaixão de Deus por eles.²² De facto, Lucas é o evangelista que mais vezes usa este termo. Das 78 vezes que ele aparece no NT, contando com as variantes, 20 vezes ocorre em Lucas e outras 15 em Mateus.²³

A acentuar o carácter misericordioso do Jesus Lucano são os ditos, as parábolas ou histórias que dizem respeito ao perdão por ele exclusivamente reportadas:²⁴ o episódio da pecadora pública perdoada na casa de um fariseu (cf. Lc 7,36–50); a história de Zaqueu (19,1-10); o perdão dos Seus próprios assassinos (cf. Lc 23,34) e do bom ladrão (cf. Lc 23,39-43), na cruz, etc. Em Lucas, os pecadores, de facto, são tidos por aquilo que estava perdido que Jesus veio procurar e salvar (cf. Lc 19,10).

²⁰ ARTUSO, V., *O Evangelho de Lucas: introdução teológica na perspectiva da missão*, Contemplação, Marília 2013, v. 6, p. 15.

²¹ COMBLIN, José, *Ricos e pobres nos Atos dos Apóstolos*, Vida Pastoral, n. 218, pp. 2-9.

²² LEÓN-DUFOUR, X., *Misericórdia*, *Op. Cit.*, p. 597.

²³ PERONDI, I. - CATENASSI, F., *Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas*, Cadernos Teologia Pública – Ano XIII, Vol. 13, Nº 118, 2016, pp. 6-7.

²⁴ STUHLMUELLER, C., *Evangelho de Lucas*, Paulinas, São Paulo 1975, p. 10.

Além das histórias de perdão acima referidas, são particularmente expressivas as três parábolas da misericórdia (cf. Lc 15). A primeira parábola é a da ovelha perdida, que mostra a preocupação, o cuidado, a busca e, finalmente, a alegria pela recuperação do que se tinha perdido. A segunda parábola é a da mulher que encontra a moeda perdida (cf. Lc 15,8-10). Esta parábola volta a colocar-nos diante do tema da perda e da procura, que culmina com a alegria do encontro, alegria comparável à alegria no céu por causa de um só pecador que se converte. Finalmente temos a famosa parábola do filho pródigo ou do Pai misericordioso (cf. Lc 15,11-32) com a qual Jesus quer demonstrar a misericórdia do Pai diante dos pecadores.

Acolhimento aos samaritanos

Os samaritanos são outra categoria de pessoas por quem o Jesus lucano tem particular atenção. Três textos que encontramos somente no terceiro evangelho falam dos samaritanos: 9,51-55; 10,29-37; 17,11-19. O primeiro texto (cf. Lc 9,51-55) refere-se à resposta negativa de Jesus diante da proposta de dois dos seus discípulos (Tiago e João) que tencionavam invocar um fogo destruidor sobre os samaritanos que não acolheram em sua povoação Jesus e seus discípulos que se dirigiam para Jerusalém.

O segundo texto (Lc 10,29-37) é a parábola do bom samaritano na qual, Jesus, respondendo à pergunta de um doutor da lei que desejava colocá-lo à prova, sublinha que não é nem o sacerdote (v.31), nem o levita (v.32), mas um samaritano o modelo de observância do mandamento do amor ao próximo.

O terceiro e último texto é a narração da purificação dos dez leprosos (Lc 17,11-19) dos quais somente um - um samaritano - após ter sido purificado, lembrou-se de voltar para agradecer. O texto realça a admiração de Jesus pelo facto de, entre os dez purificados, apenas aquele samaritano (v.18) tenha se preocupado em voltar a Ele para manifestar a sua gratidão.

Para Lucas, portanto, os samaritanos, tidos por pagãos e considerados impuros desde o seio materno pelos judeus, são também destinatários da salvação.

Valorização das mulheres

Lucas, entre os quatro evangelistas, também apresenta uma relação particular de Jesus com as mulheres, oferecendo uma perspectiva de gênero jamais vista. Em seu Evangelho, de facto, como vimos no encontro passado, as mulheres são destacadas e chamadas ao Reino de Deus (cf. Lc 11,27-28).

3. Jesus é o profeta de Deus

Em Lucas, Jesus se considera profeta²⁵ pois aplica a si mesmo o título e a função de profeta em diversas ocasiões: “Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem-recebido em sua pátria” (4,24) e “não convém

²⁵ Cf. COMBLIN, José, *Op. Cit.*, p. 46. Esta tese, porém, é total ou parcialmente negada por outros estudiosos, respetivamente por KÜMMEL, Werner G., *Síntese Teológica do Novo Testamento de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo, João*. Tradução de Sílvio Schneider e Werner Fuchs. 4. ed. São Paulo: Teológica, 2003, p. 92 e CULLMANN, Oscar, *Cristo e o Tempo*. Tradução de Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2002, p. 58-60.

que um profeta pereça fora de Jerusalém” (13,33). Outro sinal da consciência profética de Jesus pode ser visto em Lc 11,29-32 onde Ele se identifica com o profeta Jonas.

Além dos sinais acima referidos, a consciência profética de Jesus, em Lucas, pode ser percebida também na maneira como Ele encarava a sua vocação e o seu ministério, na consciência que tinha de possuir o Espírito Santo, no modo como concebia sua relação com Deus e no entendimento que tinha do papel que veio realizar. O evangelista Lucas revela de forma especial a consciência que Jesus tinha da Sua própria possessão do Espírito Santo em Lucas 4,18-21, quando, na sinagoga de Nazaré, Ele atribui a Si a profecia de Isaías 61,1. Jesus tinha também a consciência de estar vivendo um relacionamento permanente com Deus (Cf. Lc 4,18ss; cf. Is 50,4.5; 61,1ss). Outro factor importante que indica a autoconsciência profética de Jesus é a visão que Ele tinha de sua própria missão: veio realizar o papel do servo sofredor de YHWH (Cf. Lc 11,49-51; 13,34.35; 22,37).

Os discípulos de Jesus também consideravam o seu mestre “um profeta poderoso em obra e palavra diante de Deus e todo o povo” (cf. Lc 24,19). O mesmo se diga do povo que também O reconhecia como tal - “Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo” (7,16) - e esperava e clamava por Sua libertação (cf. Lc 2,30-32; 2,38; 3,16-17; 7,16; 24,19).

Além de mais, foi por se considerar profeta que Jesus foi condenado e executado pelas autoridades judaicas (cf. Lc 22,64).²⁶

Conclusão

“E vós, quem dizeis que Eu sou?” é a pergunta que Jesus continua a fazer a cada um de nós, hoje, e não espera uma resposta apenas teórica. Aceitar Jesus como o Senhor, o Cristo de Deus, o Salvador, o Profeta, o Homem de oração, tal como no-Lo apresenta Lucas, não significa apenas aceitar verbalmente títulos antigos, mas, com a nossa forma concreta de ser e de estar, empenharmo-nos realmente por uma vida de homens e mulheres fiéis a Jesus, uma vida de quem sabe:

- servir o Senhor e deixá-Lo governar o curso da própria vida. A Ele se entregar, e por Ele viver e morrer;
- renunciar a si próprio, tomar a própria cruz e seguir Jesus, tal como Ele exige a Pedro ao reconhecê-lo o “Cristo de Deus”;
- ir ao encontro dos marginalizados, acolhê-los e transmitir-lhes a solidariedade e a misericórdia do Pai;
- priorizar a promoção de relações humanas, justas e fraternas entre as pessoas e grupos face aos problemas da sociedade de hoje;
- viver a intimidade com o Pai na confiança absoluta e na obediência à Sua vontade.

²⁶ Cf. CROATTO, J. Severino, *Jesus morre como profeta em Jerusalém: a construção lucana do Jesus profeta*, in Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA), n. 44, Petrópolis, Rio de Janeiro 2003, p. 169.

Só assim seremos verdadeiros discípulos de quem Jesus exige não apenas aceitar os Seus ensinamentos, mas também uma identificação pessoal com o Seu estilo de vida.

Perguntas de aprofundamento

1. Quem é Jesus Cristo para mim?
2. O que significa para mim ter Jesus por Senhor? Sou capaz de servi-Lo e de deixá-Lo governar o curso da minha vida?
3. De que maneira eu, enquanto cristão, revelo aos outros algo do amor misericordioso de Deus Pai?

ORAÇÃO DA SEMANA BÍBLICA NACIONAL

Pai Santo, nós vos damos graças pelo dom da Vossa Palavra que está muito perto de nós. Ela é lâmpada para os nossos pés e luz para o nosso caminho, através dos séculos. Concedei-nos a graça de acolhê-la com fé e esperança.

Jesus, Verbo de Deus, temos fome da Vossa Palavra; fazei que, escutando-Vos, permaneçamos no vosso amor.

Espírito Santo, Vós que inspirastes os autores sagrados e animastes os apóstolos a anunciar e testemunhar a ressurreição de Cristo, iluminai as nossas mentes e os nossos corações para podermos compreender, viver e anunciar o Evangelho de Cristo.

ORAÇÃO DA IV ASSEMBLEIA NACIONAL DE PASTORAL

Deus Fonte inesgotável da Vida

e Pai de infinita bondade

nós vos damos graças.

Pela caminhada evangelizadora

da Igreja em Moçambique.

Enviai sobre nós

o vosso santo Espírito

para ouvirmos a Sua voz,

sabermos discernir

os sinais dos tempos,

e acolhermos como dom e empenho

a IV Assembleia Nacional de Pastoral.

Vos suplicamos, Pai Santo,
a graça da fidelidade à missão
que vosso Filho Jesus Cristo nos confiou
e coragem para exercermos o nosso papel profético na sociedade.

Que Nossa Senhora da Imaculada Conceição
padroeira de Moçambique,
acompanhe a preparação e celebração
da IV Assembleia Nacional de Pastoral.

Ámen

ENCERRAMENTO DA SEMANA BÍBLICA DURANTE UMA CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA

(Recomenda-se que todos os cristãos levem a Bíblia)

1. A Bíblia já deverá estar colocada num lugar de destaque diante do altar.
2. Na homilia fazer alusão à necessidade de continuar a ler e estudar o evangelho de Lucas em família e/ou nos núcleos.
3. Antes da bênção final, a assembleia de pé, levanta as bíblias, e o sacerdote preside à oração de compromisso.

ENCERRAMENTO DA SEMANA BÍBLICA EM FAMÍLIA/COMUNIDADE RELIGIOSA/OUTROS GRUPOS

(Preparar um pequeno altar e colocar a Bíblia, cruz, vela, flores, terço, etc.)

1. Canto inicial
2. Sinal da cruz
3. Canto de perdão
4. Leitura de Lc 6, 46-49
5. Canto
6. Partilha
7. Preces espontâneas
8. Oração da SEBINA
9. Oração da IV Assembleia Nacional de Pastoral
10. Os presentes saem do interior da casa e colocam-se de pé fora da porta de entrada e, todos com as Bíblias levantadas, recita-se a oração de compromisso.
11. Bênção: *O Senhor te abençoe e te guarde! O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e te*

favoreça! O Senhor volte para ti a sua face e te dê a paz! (Nm 6,24-26). Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo. Ámen.

São Lucas - **Resposta:** Rogai por nós para que sejamos testemunhas de Cristo